



Europe 2031

O que nos custará falhar na IA

Por Daan Juijn, Stan van Baarsen, Judith Dada, Maximilian Negele, Lily Stelling, Philip Fox, Alex Petropoulos e Michiel Bakker.

Texto e edição de Tom Chivers.

Europe 2031

A atual trajetória da IA exige a agenda política mais ambiciosa da história da Europa do pós-guerra. A não ser que iniciemos agora este processo, a Europa perderá a capacidade de moldar o seu próprio futuro. Acabaremos por ser marginalizados económica e politicamente, com valores que não podemos defender, sistemas de bem-estar social que já não podemos financiar, riscos que não podemos enfrentar e uma União Europeia que não consegue manter-se.

Março de 2031 - Washington, D.C.

Caroline deita água fria no rosto e vê-se no espelho da casa de banho. As suas mãos estão a tremer. Agarra-se à extremidade do lavatório e aguarda que passe o tremor das mãos. Através da pequena janela alta, consegue ver um pedaço do céu de Washington, limpo e brilhante.

Ao longo do corredor, seis pessoas estão a decidir o destino do continente europeu. Não sabe se alguma coisa do que disse fará alguma diferença.

Suspeita que não.

Este é um cenário sobre o iminente declínio da Europa rumo à irrelevância: como a IA está a impulsionar este processo e o que ainda pode ser feito para mudar o rumo.

A história é contada através das personagens fictícias de Caroline Dubois, uma funcionária pública francesa em Bruxelas, e Christian Vogt, o fundador alemão de uma empresa de IA em rápido crescimento que acaba de se mudar para Silicon Valley. Embora as suas personalidades sejam fictícias, os acontecimentos que vivenciam baseiam-se nas tendências existentes e têm como objetivo serem realistas.

Para percebermos como a Europa corre o risco de desperdiçar a próxima revolução da IA, precisamos primeiro de recuar até ao início de 2025, porque a história que vamos contar já está bem encaminhada.

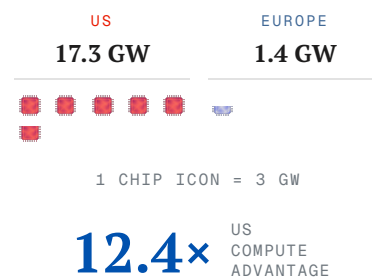
Janeiro 2025 — DeepSeek (Procurai profundo) e encontrareis

O escritório de Caroline Dubois está a fervilhar. Esta manhã, uma empresa chinesa, a DeepSeek, lançou um novo modelo de IA, o R1. É um modelo barato e eficaz, e – embora nenhuma empresa europeia tenha participado no seu desenvolvimento – Bruxelas está em polvorosa.

Caroline trabalha em tecnologia digital na Direção-Geral do Comércio e da Segurança Económica – DG TRADE, a parte da Comissão Europeia que trata de assuntos como as tarifas e o controlo das exportações. Aos vinte e oito anos, está ali há três anos e sente que está a conquistar o respeito dos seus colegas e superiores hierárquicos; mas ela, ao contrário deles, está seriamente preocupada com o futuro da Europa, e as notícias sobre a DeepSeek não a tranquilizaram. Esteve recentemente de visita a Silicon Valley. Fica a 9.000 quilómetros de Bruxelas, mas parece muito mais longe. A ideia de que a IA está a desencadear uma nova revolução industrial é comum na Califórnia; nos escritórios da Comissão Europeia, esta ideia roça a ficção científica.

A ascensão do modelo R1 entusiasmou os seus colegas, pois veem-no como uma prova clara de que é possível formar IA de ponta sem os recursos dos gigantes de Silicon Valley. Os decisores políticos europeus entusiasmam-se com a ideia de que é possível superar os americanos, ser pequeno, ágil e inteligente, ter um melhor desempenho sem as centenas de milhares de milhões de dólares que têm sido investidas em centros de dados americanos extravagantes e em gigantescos programas de formação de modelos.

A ideia faz sentido. Supostamente, a DeepSeek desenvolveu o R1 a uma fração do custo do ChatGPT da OpenAI ou do Claude da Anthropic, mas, tanto quanto se sabe, é quase igualmente potente. Possui ainda a nova funcionalidade de “raciocínio” que os modelos americanos começaram a implementar, na qual o modelo descreve o seu processo de pensamento num bloco de notas virtual. E as suas ponderações – os valores matemáticos que definem o modelo – estão disponíveis ao público. Qualquer pessoa pode executar o modelo na sua própria infraestrutura, sem depender da tecnologia americana.



Embora algo entusiasmada com o clima otimista em Bruxelas, Caroline ainda não está preparada para se juntar à onda. Ela ouve atentamente as vozes mais cautelosas que apontam que os grandes ganhos de eficiência não são incomuns, a Anthropic, o Google DeepMind e a OpenAI encontram-nos a todo o momento. A DeepSeek conta com investigadores brilhantes e avançou rapidamente, mas em breve se verá limitada pela capacidade computacional; a China simplesmente não possui poder computacional suficiente para treinar modelos, principalmente desde que os Estados Unidos restringiram as exportações de chips de IA de ponta que a China não consegue produzir internamente. Argumentam que encontrar ganhos de eficiência é muito mais fácil se possuir muitos recursos computacionais para ajudar a encontrá-los. O próprio CEO da DeepSeek salientou que o principal problema da empresa é a proibição dos EUA à exportação de chips de IA.

Assim, Silicon Valley permanece praticamente indiferente ao R1. Os fornecedores de hiperescala não abrandam o ritmo dos seus investimentos massivos em IA. Dias após o lançamento do R1, a OpenAI lança o o3-mini, um modelo ainda mais impressionante que o R1, e um sinal de que o progresso americano continua acelerado.

Em Bruxelas, a notícia sobre a o3 quase não é divulgada. Reconhecê-lo significaria aceitar que a aceleração da IA continua, impulsionada pelas grandes empresas americanas, lideradas por CEOs em quem não se pode confiar.

Caroline não tem a certeza de que partido irá tomar. Ela esteve na Califórnia há três semanas, e o que lá viu ficou-lhe gravado na memória.

Ficou hospedada em casa de Christian Vogt, um velho amigo do seu programa de intercâmbio em Berkeley, cinco anos antes; ela do Instituto de Estudos Políticos de Paris, ele da Universidade Tecnológica de Munique, duas das principais universidades da Europa. Christian tinha-se mudado para São Francisco três anos antes, pouco depois de ter começado a trabalhar na Comissão, para fundar uma empresa de criação de modelos de imagem e vídeo. A start-up de IA ainda era pequena, mas tinha acabado de fechar uma ronda de financiamento Série A e Christian, uma pessoa extrovertida, conhecia toda a gente.

Toda a visita deixou-a surpreendida. Os dias de trabalho da equipa de Christian eram uma loucura, uma semanas de setenta ou oitenta horas, com pessoas a dormir no escritório. E quando ele a levou a jantar em casa

de outro fundador de uma start-up em Hayes Valley, ela achou as conversas quase incompreensíveis; não por causa dos pormenores técnicos, mas por causa da profunda convicção de que o mundo iria mudar radicalmente.

“Penso que, até janeiro de 2026, a maior parte do meu código será escrito pelo Claude”, disse um dos convidados em tom pragmático. O apresentador disse que deixou de contratar engenheiros juniores porque o ChatGPT em breve tornaria melhor a programação de nível básico. Alguém mencionou, de passagem, que acreditava que a inteligência artificial geral – uma IA melhor do que qualquer ser humano na maioria das tarefas, estaria provavelmente disponível dentro de dois ou três anos. Caroline perguntou o que isso significaria para a Europa, dado que esta carece de um sector de IA competitivo. Mas ninguém à mesa tinha realmente pensado na Europa, exceto como uma potencial dor de cabeça em matéria de conformidade.

De regresso ao apartamento de Christian em Waymo, Caroline disse-lhe que tinha achado toda a visita desorientadora. Christian riu-se e garantiu-lhe que, passados alguns meses em Silicon Valley, ela própria começaria a “sentir a Inteligência Artificial Geral”. Caroline perguntava-se se Christian e os seus colegas faziam parte de uma bolha estranha, talvez até de uma seita, ou se vivia num mundo que já estava a desaparecer no passado.

De regresso a Bruxelas, pensou em contar ao seu diretor as experiências que tivera na viagem, mas achou que não as conseguiria exprimir corretamente. As pessoas com quem tinha conversado eram das mais inteligentes que já conhecera. Estas pessoas eram calmas, perspicazes e pareciam bem informadas. Dentro dela havia um forte desejo de levar muito a sério o que lhe tinham dito e de convencer os outros a fazer o mesmo. No entanto, as suas alegações pareceriam absurdas numa sala de conferências da Comissão do outro lado do mundo. Assim sendo, não disse nada.

No dia seguinte ao lançamento da R1, recebe uma chamada no seu telefone. É Christian.

Christian: está bem, então Bruxelas está a celebrar a vitória da Deepseek???

Caroline: O meu diretor acha que isto prova que podemos alcançar o mesmo nível ...

Christian: lol

Christian: a lição é de que os modelos de raciocínio funcionam e a China pode construí-los.

Christian: além disso, o o3-Mini é melhor e ninguém está a falar sobre ele

Christian: o teu diretor deveria vir a São Francisco.

Caroline: É o meu desejo.

Ela desliga o telefone. Não tem a certeza se Christian está correto, mas também não tem a certeza de que ele esteja errado. As vozes de cautela em relação ao modelo R1 parecem-lhe razoáveis. Assim como as vozes de entusiasmo.

Fevereiro 2025 — Liga-te e está feito

Três semanas após o lançamento do R1, Emmanuel Macron acolhe em Paris a AI Action Summit (Cimeira de Ação em Inteligência Artificial).

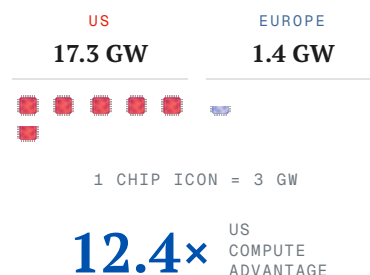
A série de cimeiras foi fundada com foco na segurança e coordenação internacional – a edição de 2023 no Reino Unido foi denominada Cimeira de Segurança da IA – mas a edição de 2025 é diferente. O ambiente geopolítico tornou-se mais complexo. A Rússia avança a passos largos na Ucrânia; Donald Trump está de volta à Casa Branca há duas semanas e já ameaça impor tarifas sobre os produtos europeus. A Europa está agora focada na competitividade, e não na segurança. E o momento é oportuno: Aparentemente, a DeepSeek demonstrou que a recuperação de dados é possível e talvez até seja barata. A Europa pretende demonstrar que leva a IA a sério.

A Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anuncia um Fundo InvestAI de 200 mil milhões de euros, que inclui uma iniciativa de 20 mil milhões de euros para a construção de quatro a cinco grandes centros de dados de IA em território europeu. Macron promove a França como o melhor lugar da Europa para desenvolver IA: com toda a sua energia nuclear, os programadores podem simplesmente “ligar-se e está feito”.

Depois de três anos em Bruxelas, Caroline sabe que é preciso olhar para além dos números-chave. Os 200 mil milhões de euros representam, em grande parte, uma reestruturação dos fundos existentes e partem do pressuposto de que a indústria europeia irá investir os seus próprios recursos. Apenas uma fração é verdadeiramente nova, e mesmo essa fração está distribuída por cinco anos. Estremece ao comparar isto com os investimentos em centros de dados anunciados por empresas americanas de hiperescala, que deverão exceder os 400 mil milhões de dólares em 2025. Ainda assim, ela espera que o clima esteja a mudar e que a Europa esteja a despertar.

Christian: 200 mil milhões?

Caroline: É sobretudo um desejo.



Christian: os americanos investem dinheiro a sério

Christian: o projeto do Texas está a ser construído neste momento.

Christian: como se houvesse tratores de esteira

Caroline: Eu sei.

Christian: como é que Bruxelas se sente em relação a Altman, Ellison e Masayoshi Son em palco com Trump?

Caroline: Bem, sem qualquer entusiasmo.

Independentemente de o clima ter mudado ou não, parte da energia positiva é ofuscada quando o vice-presidente dos EUA, JD Vance, faz um discurso agressivamente antieuropeu na cimeira. Repete o truque dois dias depois, na Conferência de Segurança de Munique. Os líderes europeus presentes na plateia são apanhados pelas câmaras quase visivelmente a morder a língua.

Nas semanas seguintes, os chefes de Caroline chegam a uma conclusão. A relação transatlântica está efetivamente quebrada. Washington já não é fiável, nem em defesa, nem em energia e, certamente, é agora claro, nem em tecnologia. “Soberania” torna-se a nova palavra em voga nas capitais europeias.

Mas a soberania é mais fácil de anunciar do que de construir, e não é claro se esta iniciativa terá quaisquer resultados, pelo menos no que diz respeito à IA. Caroline suspeita que, embora os líderes afirmem preocupar-se com a nova tecnologia, o seu antigo ceticismo ainda está bem presente, ainda que de forma velada. Um dos seus colegas, um experiente e ponderado analista de políticas públicas de quem ela gosta, insinua durante um almoço logo após os discursos de Vance que provavelmente não são necessários grandes centros de dados para que a IA funcione, precisamente porque Sam Altman, Larry Ellison e Donald Trump subiram ao palco para dizer que sim. É, na opinião de Caroline, uma posição simplista, mas compreensível: O ceticismo de Bruxelas em relação a Trump e à elite de Silicon Valley é profundo. Mas ela está preocupada porque, apenas por dizerem que é dia, não significa que seja noite lá fora.

Agosto 2025 — Eternamente a soprar bolhas

O entusiasmo europeu pela IA diminui após Paris. A cimeira foi dramática, mas os meses seguintes foram repletos de formulações políticas lentas, densas e pouco glamorosas. A construção de um ecossistema continental de IA inclui exigências que os anúncios por si só não conseguem criar – talento, capital, abastecimento de energia, bem como o conhecimento e a motivação para as coordenar. A natureza largamente ilusória dos 200 mil milhões de euros é já amplamente conhecida, tendo-se dissipado grande parte da euforia inicial.

Nos EUA, não há essa desaceleração. Intensifica-se a disputa por talentos: A Meta, que ficou um pouco atrás na vanguarda da IA, está a aliciar os melhores investigadores de empresas concorrentes com salários que fazem com que os jogadores da Premier League pareçam mal pagos. Mark Zuckerberg chega mesmo a cozinhar sopa pessoalmente para esses investigadores, de forma a atraí-los. A administração Trump publica a sua estratégia nacional de IA, intitulada “Vencer a Corrida”, que descreve a transição para a IA como “uma revolução industrial, uma revolução da informação e um renascimento – tudo ao mesmo tempo”.

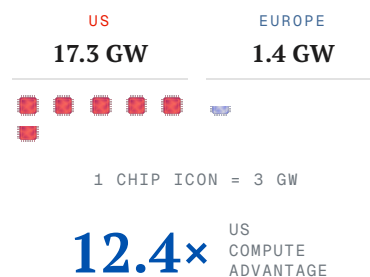
Os europeus, que se consideram mais pragmáticos do que os americanos, consideram a retórica exagerada e os mensageiros pouco fiáveis. Caroline ouve frequentemente a expressão “bolha da IA”. Os seus colegas já viram líderes do sector tecnológico exagerarem a utilidade dos seus produtos: — Lembras-te dos NFTs?, diz um deles. Aquelas imagens de macacos que as pessoas compraram por 50 mil dólares?’

Christian: como está a correr a conversa sobre a bolha?

Caroline: Está em todo o lado. O meu diretor repetiu bolha três vezes numa reunião ontem.

Christian: aguarda até veres os números dos resultados da Anthropic

Christian: vão faturar 9 mil milhões este ano



Christian: de cerca de mil milhões no ano passado.

Christian: é uma faturação enorme

Caroline: Vou mencionar esses números.

Christian: não, não vais fazê-lo

Ela mencionou os números. No entanto, ninguém parece muito entusiasmado. Alguns colegas salientam que a Anthropic ainda não está a dar lucro.

A narrativa da “bolha” é reforçada pelo lançamento do GPT-5. A OpenAI promove o modelo intensamente: Sam Altman publica uma imagem da Estrela da Morte; funcionários falam sobre o ‘ano do agente de IA’. Mas para o público, o modelo em si é algo dececionante, sendo essencialmente uma versão mais refinada do modelo o3 já existente. Continua a ter alucinações e a cometer erros tontos.

Em Bruxelas, os céticos da IA celebram mais uma vitória. — Eu disse-te que a IA estava a chegar ao seu limite”, diz um colega de Caroline enquanto bebem uma cerveja na Place du Luxembourg. Ele disse-o de forma gentil. Nos últimos meses, Caroline ficou conhecida na sua unidade como a “impulsionadora da IA”, um rótulo que não tem a certeza se merece. Ainda não tem a certeza se os seus colegas estão errados; ela concorda que o GPT-5 foi realmente dececionante. Talvez os americanos estejam a exagerar. Talvez Bruxelas tenha razão.

Por outro lado, alguns especialistas dizem que o GPT-5 está em grande parte dentro do que seria de esperar, dada a curva de crescimento exponencial das capacidades da IA; o3 foi lançado há apenas alguns meses. Mas os céticos da IA na Europa são surdos a estes argumentos, dado o erro de marketing da OpenAI, que prometeu demasiado e entregou pouco.

Caroline: O que pensas do GPT-5?

Christian: foi uma falha de ignição. Deviam ter lançado o O3 com esse nome.

Christian: mas a capacidade subjacente ainda está em desenvolvimento

Christian: temos utilizado o o3 no nosso pipeline nos últimos meses e é incrível

O dinheiro continua a jorrar para os grandes laboratórios dos EUA e a corrida para construir centros de dados continua, mas esse dinheiro parece oscilar como uma bola de pingue-pongue – a Oracle e a OpenAI assinam um acordo de computação de 300 mil milhões de dólares, a maior parte dos quais será gasto em chips da NVIDIA; a NVIDIA, por sua vez, aceita investir 100 mil milhões de dólares na OpenAI. Em São Francisco, os acordos são vistos como prova da natureza transformadora da tecnologia – as antigas regras já não se aplicam. Em Bruxelas, assemelham-se aos swaps de crédito de 2007: complexos, circulares, instáveis e com grande probabilidade de acabarem mal.

É por isso que a angariação de 1,7 mil milhões de euros por parte da empresa francesa Mistral – a maior parte proveniente do fabricante de máquinas de litografia ASML dos Países Baixos, o que é considerada uma grande vitória para a Europa, apesar da sua ronda de financiamento ser vinte vezes inferior à da OpenAI. A conversa sobre a bolha significa que poucos europeus estão preocupados com a falta de recursos para as empresas de IA. Se a IA e as maiores rondas de investimento estão a ser sobrevalorizadas, não há necessidade de pressa.

Novembro 2025 — Mundos separados

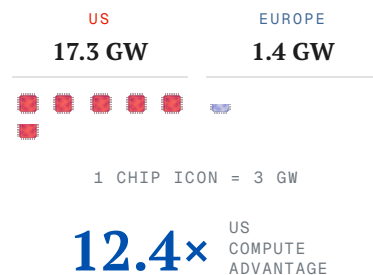
Em novembro, a Anthropic lança o modelo Claude Opus 4.5. Não há tweets sobre a Estrela da Morte, nem contagem decrescente, nem nenhum evento. O modelo é bom – melhor que o GPT-5, segundo a maioria das opiniões – mas o lançamento, para os padrões de 2025, tem pouco impacto.

O que é impactante é o que as pessoas começam a fazer com o modelo.

A revolução nos agentes de IA chegou, mas não da forma como as pessoas imaginavam. Inicialmente, durante a primavera e o verão, os principais laboratórios lançaram vários produtos que controlavam diretamente o seu computador. Deviam m o cursor do rato, preencher formulários online e clicar em fluxos de reserva. Embora interessantes na teoria, estas medidas geralmente não funcionavam na prática. Muitas pessoas que os testaram concluíram que os agentes de IA ainda não estavam prontos para serem utilizados em larga escala.

O que realmente funciona, como se descobriu agora, são agentes que escrevem código. O código Claude da Anthropic, uma ferramenta baseada em terminais, torna-se – quando combinado com o novo Opus 4.5 – o sucesso surpresa do ano. O amigo de Christian tinha razão: quando chega janeiro, a maior parte das linhas de software em Hayes Valley são realmente escritas por IA. Os programadores depressa percebem que o código é a interface universal: se souber escrever código, pode fazer tudo o que um computador faz. Quer enviar um e-mail? Não navegue pelo Gmail; o código Claude escreve um roteiro. Pretende organizar documentos? O código Claude escreve um roteiro.

Em São Francisco, esta torna-se uma prática comum. As pessoas falam sobre a “mania do Código Claude”. Os programadores gastam milhares de dólares por mês em autorizações, recusando-se a dormir sem antes enfileirar tarefas noturnas para Claude concluir até de manhã. Acreditam, com razão, que estão a ter o melhor do negócio: os ganhos de produtividade são extraordinários. A Anthropic torna-se a empresa com o crescimento mais rápido da história.



Christian: a maioria do nosso código é agora escrita pelo Claude

Christian: Não me refiro a um código assistido, mas sim a um código totalmente escrito do início ao fim

Christian: os meus engenheiros estão a fazer a gestão como uma equipa de principiantes

Christian: salvo nunca dormir :D

Caroline: Isso é bom para os teus engenheiros?

Christian: por agora, sim

Christian: enorme aumento de produtividade

Christian: os laboratórios estão a utilizar a tecnologia internamente e o seu progresso está a acelerar

Christian: visivelmente acelerado

Christian: além disso, estão a lançar uma nova obra a cada três meses agora

Christian: anteriormente era a cada seis meses.

Caroline lê as mensagens no metro a caminho do trabalho. Quando chega à sua secretária, já decidiu que vai abordar o assunto na reunião da manhã do seu departamento.

Não corre bem. Ela menciona os ganhos de produtividade, os novos números de receitas, o ciclo de lançamento mais curto e os laboratórios que utilizam a sua própria IA para construir os seus próximos modelos. A sala está em silêncio. Alguém pergunta se tem estudos analisados por pares que demonstrem os ganhos de produtividade. Outra pessoa observa, com delicadeza, que os agentes de IA integrados diretamente aos próprios modelos têm sido uma decepção durante todo o ano. Caroline diz que os agentes de inteligência artificial não são o ponto principal; o foco está no autoaperfeiçoamento. A sala agita-se.

De qualquer forma, os seus colegas estão efetivamente proibidos, devido a política institucional, de utilizar o Claude ou o ChatGPT em dispositivos de trabalho. As ferramentas americanas de IA independentes são consideradas um risco para a proteção de dados. A Comissão oferece o seu próprio 'GPT', que é essencialmente um encapsulamento de alguns modelos antigos e de pequena escala de código aberto. A força de trabalho que deveria regular os sistemas de IA de ponta, na sua maioria, não consegue utilizá-los.

Regressa ao escritório extremamente frustrada com a obstinação dos colegas, tentando recordar-se exatamente quando deixou de ter dúvidas sobre as capacidades da IA.

Fevereiro 2026 — Uma guerra em duas frentes

O primeiro semestre de 2026 não é, realisticamente falando, o momento ideal para a Europa fazer progressos significativos nas políticas de IA. Muita coisa está a acontecer. Em janeiro, as forças especiais norte-americanas invadem Caracas e raptam Nicolás Maduro. Dias depois, Trump ameaça invadir a Gronelândia. Em fevereiro, os Estados Unidos e Israel bombardeiam o Irão. Os preços do petróleo disparam. Trump ameaça abandonar a NATO se os aliados europeus não enviarem navios para ajudar a reabrir o Estreito de Ormuz.

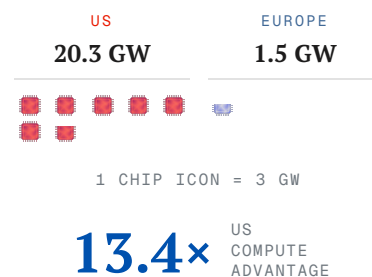
Em seguida, o Departamento de Guerra (DoW) entra em guerra com a Anthropic.

O desentendimento foi causado por um litígio contratual. A Anthropic alugou os seus modelos ao Departamento de Guerra dos EUA, e com o tempo tornaram-se cruciais para as suas operações militares, incluindo as da Venezuela. O contrato especificava duas linhas vermelhas. Claude não pode ainda ser utilizado para armas letais totalmente autónomas, nem para vigilância em massa de cidadãos americanos. A Anthropic terá supostamente insistido nesses termos desde o início.

O Pentágono quer agora renegociá-los, e quando a Anthropic recusa, o litígio intensifica-se rapidamente. Inicialmente, o Departamento de Guerra ameaça forçar a Anthropic a fornecer acesso irrestrito através da Lei de Produção de Defesa; depois, faz o contrário — designa a empresa como um risco para a cadeia de abastecimento, uma definição geralmente reservada às empresas que o governo considera comprometidas por potências estrangeiras hostis. Conforme declarou o Secretário da Guerra, a designação impede qualquer outra empresa que trabalhe com o Pentágono de fazer negócios com a Anthropic, o que destruiria efetivamente a empresa — afinal, os fornecedores de computação da Anthropic trabalham com o Departamento de Guerra.

Caroline: O que seria necessário para que a Anthropic se deslocasse para a UE?

Christian: não o farão



Christian: são patriotas. Querem a vitória dos Estados Unidos.

Christian: podes tentar eliminar a regulamentação dos direitos de autor e as proteções laborais

Christian: corrigir as licenças para centros de dados. Construções em grande escala. Isenções fiscais.

Caroline: Isso não vai funcionar. Não estamos em Silicon Valley.

Christian: podes pelo menos tornar a sua expansão na Europa mais atraente para eles

Caroline: As pessoas aqui temem que se desloquem para Londres.

Christian: por que razão isso seria mau?

Caroline está vidrada nas notícias. As peças encaixam de forma desagradável. O governo dos EUA finalmente apercebeu-se do valor da IA e agora está a tentar exterminar as empresas porque não consegue controlar a empresa que a desenvolve. Em Bruxelas, os funcionários públicos estão proibidos de utilizar ferramentas de IA de ponta para redigir memorandos; em Washington, são utilizadas para planear operações militares.

A Anthropic obteve uma injunção contra a designação de risco na cadeia de abastecimento, mas a relação entre a empresa e o governo é agora tensa.

Março 2026 — A fronteira selvagem

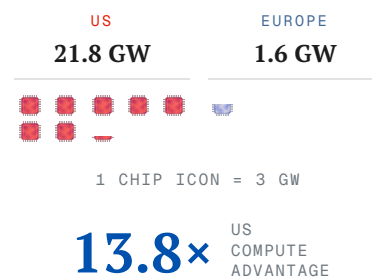
Em novembro passado, a França, a Alemanha e a Comissão Europeia anunciaram a Iniciativa Frontier IA. O plano era estabelecer, até ao final do primeiro trimestre de 2026, a organização de investigação em IA sem fins lucrativos mais bem financiada do mundo. O comunicado refere que a Europa possui todo o talento e os dados de que necessita e está a investir na computação através das suas gigafábricas. O que lhe falta é uma iniciativa para reunir essas vantagens. As pessoas bem informadas estavam entusiasmadas.

Mas no final do primeiro trimestre, não há organização sem fins lucrativos. A construção de um instituto de investigação de classe mundial é difícil, especialmente quando se é assolado por várias crises geopolíticas num curto espaço temporal. O que também não ajuda é que as pessoas que aconselham a iniciativa dão conselhos extremamente contraditórios: há quem diga que os grandes modelos de linguagem são um beco sem saída quando se trata de alcançar a Inteligência Artificial Geral (IAG), e que a organização sem fins lucrativos deveria tentar encontrar um novo paradigma. Outros querem encontrar um nicho específico, seja a IA para a ciência ou a IA para a indústria. Outros ainda falam em preparar-se para o futuro da computação quântica. Não existe qualquer consenso entre o grupo de pessoas que a Comissão decidiu consultar.

O dinheiro também não chega. A França enfrenta enormes problemas de endividamento; ainda faltam dois anos para o novo ciclo orçamental da Comissão Europeia; a Alemanha tem dinheiro, mas acaba de concordar em construir o exército convencional mais forte da Europa.

Se a Iniciativa Frontier AI não for bem financiada, não conseguirá oferecer a capacidade computacional ou os pacotes de remuneração que a tornariam competitiva com os laboratórios dos EUA, dificultando a contratação de talentos de classe mundial. Sem talentos de nível mundial, é difícil conseguir mais dinheiro. Correm rumores de que a Iniciativa Frontier AI está presa num ciclo vicioso bem conhecido das ambições tecnológicas europeias: as instituições hesitam em comprometer-se até que funcione, e nada pode funcionar sem compromisso.

Em março, a OpenAI angariou 122 mil milhões de dólares numa única ronda de investimento.



Caroline: Conheces alguém que poderia ser um bom líder para a iniciativa Frontier?

Christian: com um salário de Bruxelas?

Caroline: as pessoas parecem estar abertas a exceções

Christian: deixa-me perguntar por aí

Christian: sabes que isto só funciona se eliminares toda a burocracia, certo?

Christian: como fez o Reino Unido

Christian: já agora, já viste o montante da OpenAI?

Caroline: Sim.

Christian: é mais do que já conseguiram todas as empresas europeias de IA juntas

Christian: apenas numa única ronda de financiamento

Abril 2026 — Mythos

Anthropic anuncia o Claude Mythos, o mais capacitado modelo de IA até à data.

Os testes internos da Anthropic revelaram que o modelo é tão eficiente na programação e investigação de segurança que ajudou a identificar milhares de vulnerabilidades até agora desconhecidas em todos os principais sistemas operativos e navegadores da Web. Algumas destas vulnerabilidades já existem há décadas, permanecendo despercebidas em bases de código revistas por milhares de programadores e investigadores de segurança ao longo de muitos anos. O Mythos encontrou-as apenas em semanas.

Quase da noite para o dia, a Anthropic tornou-se uma das organizações cibernéticas mais capazes do planeta. A decisão determina que o Mythos não pode ser lançado até que os responsáveis pela cibersegurança tenham a oportunidade de corrigir as restantes falhas no seu software.

A empresa lança o Projeto Glasswing: uma coligação defensiva que concede acesso exclusivo ao Mythos a um pequeno grupo de parceiros – incluindo a AWS, Apple, Google, Microsoft, Nvidia e CrowdStrike – para encontrar vulnerabilidades antes que os adversários as possam explorar. O objetivo é tornar a infraestrutura de software americana segura antes que os modelos abertos atinjam uma capacidade ofensiva comparável, o que a Anthropic estima que demore entre seis a doze meses.

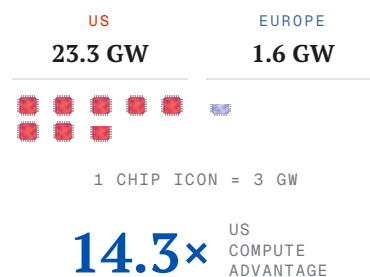
O Instituto de Segurança de IA do Reino Unido — que desenvolveu uma capacidade de ponta em IA para o governo — foi convidado para testes, mas não foi disponibilizado o acesso a nenhuma empresa ou governo europeu.

Christian: presumo que já ouviste falar do Glasswing

Caroline: Sim.

Christian: o projeto não inclui sequer uma empresa europeia

Caroline: Conheço.



Christian: toda a infraestrutura de software do continente estará vulnerável em comparação com as capacidades de IA americanas

Christian: será que alguém em Bruxelas compreende realmente o que isto significa?

Muitos europeus duvidam que o Mythos seja tão poderoso como se afirma. — Estão a exagerar na promoção dos seus produtos, ironiza um advogado da Comissão Europeia especializado em agricultura, sentado à mesa ao lado da de Caroline, no refeitório. — Oh não, construímos uma arma nuclear. Mas não se preocupe, podemos vender-lhe um abrigo contra bombas!” Quando Caroline protesta, o advogado sublinha que é impossível verificar as alegações da Anthropic se não divulgarem o modelo. — Que conveniente!

Caroline mal consegue conter a frustração. Porque é que todas estas grandes empresas se associariam publicamente ao Projeto Glasswing se tudo não passa de uma fraude? Como é que a Mozilla identificou vinte vezes mais vulnerabilidades este mês do que normalmente? Caroline trabalha durante toda a noite para escrever um memorando sobre as implicações estratégicas da exclusão europeia do Projeto Glasswing e consegue uma reunião de emergência com o seu diretor, que se mostra muito mais recetivo.

Nas próximas semanas, a UE e os governos dos Estados-Membros vão instar a Anthropic a conceder-lhes acesso – os líderes reconhecem uma ameaça à segurança nacional quando a veem. A Anthropic é cautelosa, mas aberta ao diálogo. Mas quando a empresa finalmente anuncia que deseja alargar o acesso ao Mythos a mais setenta organizações, muitas delas europeias, a Casa Branca opõe-se. Não é seguro, dizem. Além disso, a capacidade computacional da Anthropic não é ilimitada; mais parceiros significam menos capacidade para as cargas de trabalho do governo dos EUA.

Um mês antes, a administração dos EUA queria apagar a Anthropic da face da Terra. Agora, pretende que o modelo mais poderoso da empresa seja mantido praticamente só para a empresa. A solução encontrada permite que as agências acedam ao Mythos através do Glasswing enquanto a designação da cadeia de abastecimento ainda estiver tecnicamente em

vigor. De repente, a Casa Branca decide que, afinal, consegue conviver bem com a Anthropic. O presidente ainda chama a Anthropic “progressista”, mas agora também “muito inteligente”.

Junho 2026 — Desilusão

Após dezoito meses de espera, a DeepSeek lançou o seu seguinte modelo, o V4. É impressionante tendo em conta os recursos limitados da empresa, mas ainda assim está pelo menos seis meses atrás da concorrência americana. DeepSeek admite que não possui capacidade computacional suficiente para disponibilizar o modelo de forma generalizada. A empresa que por um breve período convenceu a Europa de que a capacidade computacional não importava continua tão limitada neste aspeto como sempre.

A Europa está a enfrentar dificuldades ainda maiores do que a China. Mistral ficou ainda mais para trás. A empresa conseguiu angariar mais 830 milhões de euros, numa ronda o que é 150 vezes inferior à mais recente ronda de financiamento da OpenAI. Desesperada por obter mais capital, a Mistral começou a dialogar com investidores americanos. Circulam rumores de que a SpaceX, o conglomerado de foguetões e inteligência artificial de Elon Musk, está a explorar uma aquisição.

Christian: a Mistral pode realmente ser vendida à SpaceX.

Caroline: O governo francês nunca permitiria que tal acontecesse.

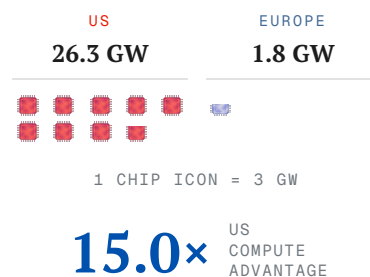
Christian: necessitam de ter acesso a grandes quantidades de poder computacional e capital

Christian: acho que vão vender a empresa ou continuar com a mudança para a área da consultoria

Christian: de qualquer forma, é o fim da Frontier AI europeia

Christian: é apenas isso. Não existe outra forma.

A situação da infraestrutura é igualmente sombria. O maior supercomputador de IA dos EUA funciona a 1.250 megawatts O maior da Europa funciona a oitenta e três megawatts. O projeto das Gigafábricas está muito atrasado, com a previsão de início de operação adiada para



2029. As restrições orçamentais significam que o projeto terá uma ambição reduzida. Mesmo que amanhã aparecesse magicamente do céu, totalmente construída uma gigafábrica, teria cerca de um décimo do tamanho do maior centro de dados de IA dos Estados Unidos. A Europa detém apenas cinco por cento da capacidade computacional total de IA do mundo. Os Estados Unidos detêm oitenta por cento.

Claro que também há boas notícias: A Softbank, a mesma empresa que partilhou o palco com o presidente Trump, prometeu investir 45 mil milhões de dólares nos próximos cinco anos para construir centros de dados de IA em França. Mas Caroline aprendeu a encarar estas promessas com ceticismo. A Fluidstack, fornecedora de serviços na nuvem que planeava construir um centro de dados à escala de gigawatts perto de Paris, abandonou recentemente a ideia e, para piorar a situação, transferiu a sua sede de Londres para os Estados Unidos. Da mesma forma, a OpenAI recuou nos seus planos de construir um grande centro de dados no Reino Unido, alegando obstáculos regulamentares.

Quando, em junho, a UE anuncia o seu tão aguardado pacote de soberania tecnológica, Caroline sente-se dividida em relação ao eventual grande impacto. Por um lado, o diagnóstico está correto: A Europa tornou-se realmente demasiado dependente da tecnologia americana. Uma das soluções que Caroline sugeriu foi também incluída no pacote, na forma de uma proposta para zonas designadas onde a indústria possa construir centros de dados de IA a um ritmo acelerado. Por outro lado, os números não batem certo. O objetivo declarado da UE é de atrair 200 mil milhões de euros em capital privado para os centros de dados de IA até 2036 — o que representa um quarto do que os hiperescaladores americanos estão a investir só em 2026. Quando ela explica a situação a um amigo, este responde: — Então estás a propor um programa de dez anos do tamanho do seu investimento trimestral de capital e a chamar-lhe mobilização histórica?

Após extensas negociações, um grupo restrito de europeus obteve a promessa de aceder ao Mythos. Mas enquanto os departamentos jurídicos ainda estão a definir os pormenores contratuais, a Anthropic já está a treinar o Mythos 2.0. Pior ainda, o Presidente dos EUA acaba de assinar um Decreto Legislativo que solicita às empresas de IA de topo que permitam “voluntariamente” ao governo americano examinar os seus modelos em busca de riscos cibernéticos, e que autoriza os organismos governamentais a aceder a estes modelos antes de qualquer divulgação pública. Os pormenores desta análise de segurança nacional são escassos, mas a

estrutura é bastante clara. Qualquer modelo suficientemente robusto para ser relevante – um “modelo de fronteira protegida”, no texto do Decreto Legislativo – passa agora primeiro por Washington: o governo tem até trinta dias de acesso federal exclusivo antes da divulgação e pode dar a sua opinião sobre quais os “parceiros de confiança” que podem utilizar o modelo antes do seu lançamento completo.

Caroline lê o texto duas vezes. O prazo de trinta dias é admissível, mas o poder de seleção do parceiro significa que quem ficar com o modelo enquanto este ainda estiver na vanguarda da fronteira aberta terá a sua decisão tomada em Washington, através de um processo secreto, sem qualquer motivo específico para incluir um nome europeu na lista.

Christian: vês o decreto legislativo?

Christian: isto é a Glasswing, mas para todos os modelos da próxima geração a partir de agora.

Christian: não há qualquer cláusula sobre os aliados. Nem uma.

Caroline: Eu sei.

Christian: então, será que a Europa terá acesso antecipado aos modelos de fronteira?

Christian: agora é uma decisão ao critério da NSA.

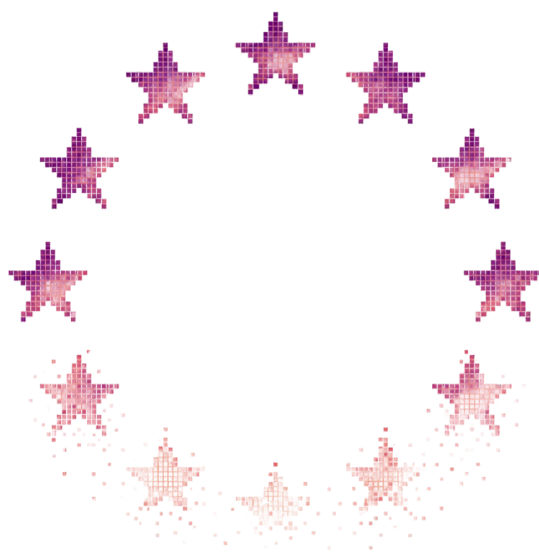
Christian: de três em três meses e para sempre

Entretanto, a Anthropic e a OpenAI continuam a apresentar um crescimento exponencial das receitas; a primeira está a caminho de atingir os 100 mil milhões de dólares anualizados até ao final do ano e assinou contratos de computação de emergência para satisfazer a sua base de clientes em rápido crescimento. Nos laboratórios de IA, os fluxos de trabalho internos mudam aproximadamente a cada mês, à medida que os modelos possibilitam novas formas de trabalho. Os investigadores gerem enxames de agentes de IA que realizam a maior parte da programação. A IA está a contribuir para a sua própria investigação e desenvolvimento, melhorando-se e utilizando esses ganhos para se tornar ainda melhor no

seu próprio aperfeiçoamento. Alguns meses antes, a Reserva Federal dos EUA divulgou um inquérito que mostrava que os níveis de emprego entre os engenheiros de software com pouca experiência estavam significativamente abaixo do esperado. As ações das empresas de software estão a cair a pique, à medida que os investidores presumem que os poderosos modelos de IA de programação irão superar toda a sua concorrência.

Caroline já o tinha previsto há dezoito meses, mas não conseguiu fazer nenhuma diferença significativa.

O Cenário



Até este ponto, tudo o que dissemos aconteceu, apenas as histórias pessoais de Caroline e Christian representam elementos ficticiais.

A partir daqui, começamos a especular. Já não descrevemos empresas de IA específicas, mas sim atores fictícios: Atlas para a principal empresa americana de IA, Helios para a principal empresa europeia e Zimo para a principal empresa chinesa.

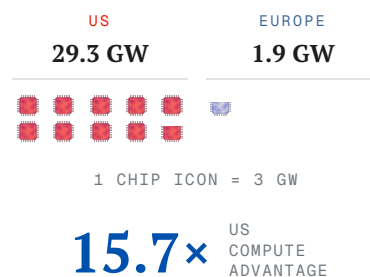
Agosto 2026 — A encruzilhada

Em fevereiro passado, o chanceler alemão realizou uma visita de estado à China. Em Hangzhou, visitou fábricas chinesas de veículos elétricos e de robótica. Fontes internas informaram que regressou mais sóbrio, com um novo sentido de urgência e uma convicção ainda maior de que os fabricantes alemães serão ultrapassados pelos concorrentes chineses se não acelerarem o ritmo. Agora planeia uma viagem semelhante a São Francisco. Nos últimos meses, pessoas que ele respeita, líderes empresariais e economistas alemães, banqueiros americanos, disseram-lhe que a revolução da IA é real. Quer ver com os próprios olhos. Uma delegação da indústria junta-se a ele.

O chanceler não é do tipo que se deixa impressionar facilmente, mas, mais uma vez, regressa da sua viagem mais discreto do que quando partiu. Chegou à conclusão de que as elites europeias interpretaram mal os últimos dezoito meses. Enquanto debatiam se a IA atingiria um limiar, a tecnologia progrediu mais rapidamente do que até os otimistas previram. Ao avaliarem a importância da IA, perceberam que esta revolucionou a engenharia de software e a cibersegurança. E embora tenham elogiado as suas iniciativas de IA soberana, a sua dependência dos fornecedores americanos só tem aumentado.

Nos dias seguintes, mantém uma série de longas conversas telefónicas com o presidente francês e o com a presidente da Comissão Europeia. Os três concordam que a Europa atingiu um ponto de viragem. A IA continuará a ser cada vez mais competente. Não há nenhuma boa razão para acreditar que o seu desenvolvimento ará parar no nível humano. A IA irá reorganizar os mercados de trabalho, as estruturas de segurança e o equilíbrio de poder entre os continentes. A Europa está dependente e impreparada. Se alguma coisa deve mudar, deve ser agora.

A pergunta é como o fazer. Os seus consultores técnicos defendem uma total liberdade regulamentar para os fornecedores de centros de dados e outras empresas na cadeia de fornecimento de hardware. Dizem que apenas uma reação extrema é proporcional ao que está em causa. A IA impulsionará uma nova revolução industrial e, se a Europa não se industrializar rapidamente, ficará para trás. A Europa precisa de agir mais rapidamente do que alguma vez tentou em tempo de paz.



Os seus conselheiros políticos imploram por algo mais moderado, alertando que os seus governos poderão não sobreviver à reação pública contra um pacote deste tipo. As pessoas não gostam de IA; a França, a Alemanha e a UE enfrentam muitos outros desafios importantes, e apenas uma pequena fração dos eleitores compreenderá a necessidade. A “resposta eficaz”, dizem, pode ser mais eficaz para acabar com as carreiras políticas.

Setembro 2026 — Uma visão positiva

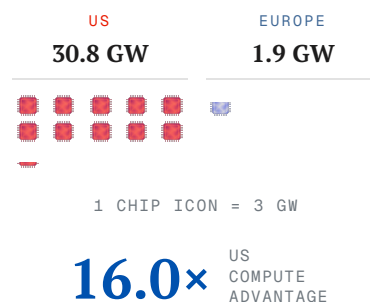
Na Cimeira Franco-Alemã sobre a Soberania Tecnológica da IA em Estrasburgo, o Presidente francês e o Chanceler alemão fizeram um discurso conjunto. O discurso foi escrito pelos seus conselheiros políticos.

Caroline assiste em casa, em Lille. Os dois líderes falam de determinação e de destino. Dizem que a Europa já não se pode dar ao luxo de depender de outros para as tecnologias que definirão o seu futuro, uma lição que já aprendeu em matéria de energia e de defesa. Portanto, a Europa necessita construir a sua própria IA de ponta.

O desafio é enorme, mas superável, dizem. O que é necessário é investimento, regras que obriguem os fornecedores americanos a jogar limpo e um público que compre produtos europeus. O discurso contém excelentes slogans.

Nas semanas seguintes, os anúncios sobre IA começaram a surgir quase diariamente. O plano é dominar os cétricos e incutir um sentimento de esperança. A Iniciativa Frontier AI obtém financiamento adequado com uma injeção de capital de 2 mil milhões de euros. São anunciadas mais quatro Gigafábricas. São lançados novos programas de adoção da IA. A Comissão Europeia acusou um fornecedor americano de modelos de IA de finalidade geral de não cumprir a Lei da IA. A decisão abre ainda dois processos de risco sistémico ao abrigo da Lei dos Serviços Digitais, referentes ao tratamento da desinformação gerada pela IA, invocando as disposições mais abrangentes da lei.

A principal medida, aquela sobre a qual os colegas de Caroline conversam durante o café, é uma proposta da Comissão, aprovada pela França e pela Alemanha, para um Regulamento de Soberania Digital que exige que as cargas de trabalho críticas do sector público sejam executadas em software de nuvem e IA 100% europeu até 2032. Basta de IA americana; não mais nuvens americanas. Inspira-se nas metas climáticas europeias e criaria o tipo de prazo vinculativo que concentra as atenções. Estabeleceria também uma grande reserva garantida de futuros clientes para os fornecedores europeus.



As medidas são bem acolhidas. A desvinculação dos EUA é popular, e os comentadores elogiam a medida como uma política industrial para a era da IA; a Europa está finalmente a apoiar as suas próprias empresas tecnológicas. Até os colegas mais céticos de Caroline admitem que algo está finalmente a acontecer.

Alguns economistas e especialistas em políticas tecnológicas manifestam dúvidas. Dizem que a Europa já não consegue evitar escolhas difíceis e indesejáveis. Os investimentos são demasiado pequenos e não criam alavancagem suficiente; onde estão os incentivos de mercado para construir infraestruturas computacionais de grande escala em território europeu? Os objetivos de aquisição, segundo eles, não abordam questões fundamentais, como o mercado único fragmentado, as leis laborais inflexíveis que prejudicam as start-ups e a adoção de IA, ou as normas nacionais que, na prática, excluem sectores como a saúde e os serviços jurídicos. Embora as ações regulamentares ao abrigo da Lei da IA sejam bem justificadas, as que estão ao abrigo da Lei dos Serviços Digitais parecem, pelo menos em parte, ter motivação política. Não deveria a Europa escolher as suas batalhas com mais ponderação?

Mas as elites europeias estão cansadas da negatividade, e esta é uma visão positiva, um momento de união à volta da bandeira. Se os decisores políticos têm dúvidas, não expressam a maioria destas.

Caroline certamente tem dúvidas. Está preocupada com o facto de todo o pacote de soberania da IA pressupor que, daqui a seis anos, a Europa ainda terá um sector de IA de última geração que valha a pena proteger. O que acontece se tal não ocorrer?

Escreve um memorando a defender este ponto, solicitando medidas que criem poder negocial, um plano de contingência caso a Helios, campeã europeia em IA, não consiga fechar a diferença, ou se as Gigafábricas não atingirem as metas, ou ainda se as exigências de compra de produtos europeus deixarem os serviços públicos com ferramentas de qualidade inferior às americanas. O seu diretor lê o memorando com atenção. É, diz-lhe, uma contribuição ponderada. Promete passar as informações para os superiores hierárquicos.

Christian: 2032? 100% de soberania?

Christian: qual é o plano b?

Caroline: Não há nenhum plano B.

Christian: claro que não há

Numa conversa privada, a chanceler alemã e o presidente francês disseram reciprocamente que tinham feito tudo o que era possível. Nem eles próprios conseguem romper com tantas realidades políticas de uma só vez. O sistema já não teria absorvido mais.

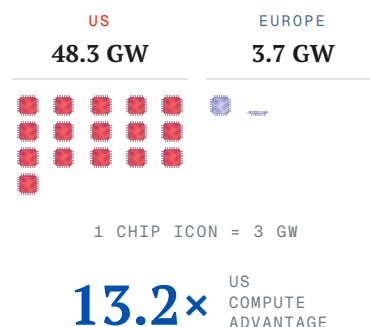
Junho 2027 — Janelas fechadas

Durante o próximo verão, o laboratório chinês Zimo divulga os pesos de um modelo de IA da classe Mythos. As capacidades cibernéticas ofensivas que a Anthropic mantém protegidas pelo Projeto Glasswing estão agora disponíveis para qualquer pessoa. Algumas dessas pessoas não têm apenas boas intenções.

As novas funcionalidades permitem aos hackers destruir software comercial antigo e mal protegido como uma motosserra destrói papel higiênico. Universidades, hospitais, governos regionais europeus, qualquer instituição que não tenha pago pela ciberdefesa ao nível do Mythos, vê-se bloqueada nos seus próprios sistemas, com exigências de pagamentos para endereços de carteiras de criptomoedas nos ecrãs e sem outra opção senão pagar. Só quem usa a IA para ciberdefesa tem uma hipótese, o que deixa as pessoas furiosas com os laboratórios: desencadearam a doença e agora vendem a cura, muitas vezes a preços exorbitantes.

A Europa está a aprender da forma mais direta possível os efeitos da sua tentativa de soberania. O Regulamento sobre a Soberania Digital acaba de ser aprovado e vários Estados-Membros já começaram a ajustar os seus processos de aquisições com bastante antecedência. A Atlas, líder americana em IA, está muito mais avançada do que a Helios, líder europeia em IA na área da ciberdefesa. Os organismos mais comprometidos com a agenda “Compre produtos europeus”, organizações que adquiriram exclusivamente a fornecedores europeus, são agora as que estão a ter problemas.

As organizações que mantiveram um contrato americano em paralelo estão a ter melhores resultados. Mesmo estas estão a utilizar defesas de segundo nível. Desde o Decreto Legislativo, o governo dos EUA tem autorizado informalmente o lançamento de cada novo modo de fronteira. O resultado é que os melhores modelos cibernéticos americanos chegam à Europa dois a seis meses após o seu lançamento nos Estados Unidos, perigosamente perto da fronteira do código aberto e muito depois de os hackers americanos terem tido acesso aos mesmos. Oficialmente, trata-se de segurança e supervisão. Não oficialmente, Washington descobriu uma vantagem assimétrica de que não tem interesse em abdicar.



Caroline passa a maior parte de junho em chamadas telefônicas com os governos nacionais. As conversas são curtas e desagradáveis.

Christian: como é que Bruxelas está a lidar com a onda de ransomware? **Caroline:** Mal. As políticas de soberania estão a fazer massa. **Christian:** a ironia **Caroline:** Aqui não tem graça nenhuma. **Christian:** desculpa. Tens razão

No mesmo momento em que a situação se está a tornar insustentável na Europa, tanto os EUA como a China anunciam restrições rigorosas à disponibilização de modelos de IA topo de gama em código aberto. Washington alega a segurança nacional, apontando para a aceleração da investigação e desenvolvimento por parte dos adversários e para a proliferação de capacidades cibernéticas autónomas. Pequim fala de estabilidade e ordem social. Os dois governos chegaram, pela primeira vez, à mesma conclusão: os pesos dos modelos de fronteira tornaram-se demasiado perigosos para serem divulgados a qualquer pessoa.

Ao sair do escritório na noite do anúncio chinês, Caroline apercebe-se de um clima positivo à sua volta. O Pacote de Soberania Tecnológica da UE elogiou o código aberto como um contrapeso ao domínio americano na IA. E, no entanto, os seus colegas estão aliviados. A onda de ransomware vai diminuir. O ataque irá estabilizar; a defesa irá recuperar o atraso. A crise, segundo os seus colegas, foi contida e controlada. Poucas pessoas parecem pensar hoje sobre o que a proibição do software de código aberto significa para as crescentes dependências da Europa.

Janeiro 2028 — Fazer o inventário

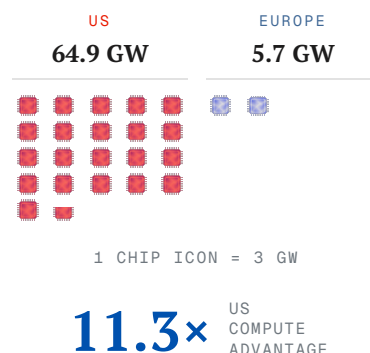
Dezasseis meses depois de Estrasburgo, Caroline foi promovida e transferida para uma equipa diferente.

O progresso da IA está a ser ainda mais rápido do que em 2026, exatamente como previram os CEO das empresas tecnológicas. Os agentes de IA utilizam agora folhas de cálculo, desenvolvem software e operam ferramentas financeiras. Um modelo gera uma imagem; outro abre o Photoshop e clica em cinquenta iterações até que a composição esteja correta. Caroline assiste a uma demonstração de um agente de IA a navegar num software empresarial duas vezes mais rápido do que um humano, sem cometer um único erro, e considera a situação perturbadora. Os principais laboratórios dos EUA estão bem encaminhados para automatizar a própria investigação em IA; a Atlas abriu o seu capital, a sua capitalização em bolsa atingiu os quatro biliões de euros e, nesta altura, todos concordam que a IA é a nova grande tendência.

A concorrência também se tornou menos feroz - resultado do aumento exponencial das necessidades de capital e do crescimento exponencial da investigação e desenvolvimento da IA. As empresas americanas de IA que ocupavam a quarta e quinta posição perderam ainda mais posições. Uma empresa está a considerar integrar a sua investigação de ponta numa parceria com o laboratório principal; outra criou um serviço de nuvem paralelo e está a tentar fabricar chips de IA.

A Helios, surfando na onda da soberania europeia, manteve-se de forma impressionante, ficando cerca de um ano e meio atrás da IA de fronteira americana. Angariou milhares de milhões de novos investidores europeus e impediu a fuga de talentos.

A diferença relativa mantém-se inalterada, o que configura uma espécie de vitória. Mas a diferença absoluta é outra história. Em 2023, os dezoito meses representavam uma geração. Agora que o progresso em termos de capacidade acelerou e os ciclos de iteração encurtaram, os dezoito meses representam muitas gerações. E os sistemas de IA já não são meros chatbots: estão a conduzir campanhas de descoberta de medicamentos, a automatizar a matemática e a cibersegurança e a executar grande parte do trabalho de muitos empregos de trabalhadores de escritório.



Um amigo de longa data de Caroline, engenheiro de software numa agência de um banco francês, conta-lhe, enquanto saboreiam um vinho, que a sua entidade patronal tem uma política de IA soberana. É-lhe permitido, em parte, utilizar o Atlas. Não tem permissão para carregar nada de substancial, nem mesmo para nomear as colunas num conjunto de dados. Podia utilizar o Helios, mas ainda seria pior. Assim sendo, na prática, utiliza o Atlas no seu computador portátil pessoal e copia os ficheiros entre os dois modelos.

O padrão repete-se na maioria das grandes empresas europeias. Toda a gente sabe que isso está a acontecer, mas ninguém o diz em voz alta.

Contudo, alguns políticos de Bruxelas ainda mantêm a esperança.

A Iniciativa Frontier AI está a todo o vapor. A França e a Alemanha demonstraram grande vontade política de apoio à organização sem fins lucrativos. Decidiram uma remuneração competitiva e conseguiram atrair talentos de alto nível, alguns com experiência em laboratórios americanos. Um dos objetivos da Iniciativa na investigação, os modelos mundiais que podem ser utilizados para treinar robôs, está a produzir trabalhos verdadeiramente promissores que estão a atrair a atenção internacional.

O orçamento da UE para 2028 libertou um financiamento substancial para a IA na ciência: medicina, materiais, energia limpa, áreas onde a Europa ainda pode eventualmente sair a ganhar. Os projetos-piloto de adoção, após um arranque difícil, estão a apresentar resultados positivos. Os médicos são mais produtivos. Os professores reportam melhores resultados para os seus alunos.

Os alertas de catástrofe no mercado de trabalho ainda não se concretizaram. Mesmo em sectores com elevada adoção, a IA não está a reduzir significativamente os postos de trabalho. E os trabalhadores que conseguem dirigir os sistemas de IA, como consultores, advogados, engenheiros de software, analistas, designers, estão a ver aumentar a sua produtividade e os seus salários. O discernimento, as relações com os clientes e a responsabilidade tornam-se mais importantes à medida que a IA assume as tarefas mais complexas.

Um primeiro-ministro europeu admitiu numa entrevista que a Europa demorou a arrancar, mas insistiu que está agora a recuperar o atraso e que a IA europeia está a impulsionar uma nova explosão de produtividade. Quando chega a casa, Caroline partilha a notícia com Christian.

Caroline: Talvez o meu próprio chefe não seja assim tão mau, afinal.

Christian: desfruta da explosão de produtividade Christian: é um indicador desfasado

Maio 2028 — O cálculo intensivo

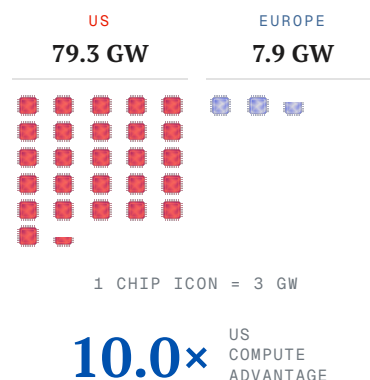
O mundo pede agora mais poder computacional.

Foram encontradas soluções alternativas para todos os estrangulamentos anteriores na cadeia de abastecimento de chips de IA. Quando havia falta de fábricas de chips, a TSMC e a Samsung construíram mais. Quando as redes elétricas dos EUA deixaram de conseguir abastecer centros de dados, os laboratórios adquiriram geradores a gás móveis e geraram a sua própria energia no local. Quando escasseou a oferta de memória de alta largura de banda, a capacidade produtiva foi desviada dos produtos para o consumidor final, o que resultou numa escalada dos preços dos smartphones, mas esse era o problema de outras pessoas. Mas este estrangulamento é diferente.

A ASML, a gigante de semicondutores dos Países Baixos, é a única empresa com capacidade para fabricar as máquinas EUV que a TSMC utiliza para produzir chips de IA. A produção aumentou de sessenta para oitenta e cinco máquinas por ano, uma melhoria real, mas totalmente insuficiente para satisfazer a crescente procura de IA. A ASML tem mais de 5.000 fornecedores a montante. Se algum deles falhar os objetivos, toda a cadeia abranda. A engenharia é tão complexa que melhorar uma única das 100.000 peças das máquinas exige um doutoramento e anos de experiência especializada. Não é fácil contratar essas pessoas.

Washington não gosta do facto de a ASML ainda exportar algumas das suas máquinas de litografia de imersão mais antigas, denominadas 'DUVi' pela indústria, para empresas chinesas selecionadas, que as utilizam para criar chips de IA chineses um pouco menos avançados.

Após um breve período de concordância em relação ao código aberto, as relações entre os EUA e a China voltaram a azedar no último ano. Washington teme que a China a ultrapasse os EUA em capacidade produtiva assim que concluir a sua indústria nacional de semicondutores. A China está a acrescentar quantidades imensas de energia a um ritmo impressionante, enquanto a produção de eletricidade americana comparativamente estagnou. Se a IA se tornar um jogo de construção de mais centros de dados, a China sairá vencedora a longo prazo. Pequim, por seu lado, teme que Washington conquiste uma vantagem irreversível na IA militar antes de a China ter amadurecido o seu ecossistema de semicondutores. Nesse caso, os EUA poderiam utilizar a sua vantagem em



IA para obter concessões geopolíticas. Os que estão preocupados em Pequim não se tranquilizam com o facto de alguns CEO americanos de empresas de IA falarem abertamente sobre a utilização da IA militar para “democratizar” regimes autocráticos.

Washington percebeu que tem pouco tempo para agir. A sua liderança em IA é em grande parte o resultado de controlos de exportação inteligentes implementados há anos, tanto para máquinas EUV neerlandesas como para chips de IA americanos. Agora, redobra a aposta. O que aumenta a pressão sobre Haia para que suspenda as restantes exportações da ASML e a manutenção das suas máquinas DUVi. Trata-se de uma escalada significativa, dado que a China utiliza as mesmas máquinas para fabricar chips para produtos do dia-a-dia, como smartphones e computadores portáteis.

Os neerlandeses resistem e procuram apoio junto de outros Estados-Membros da UE. Compreendem o raciocínio de Washington, mas não querem receber ordens, muito menos ser arrastados para um conflito entre grandes potências por uma administração que passou os últimos dois anos a intimidar a Europa.

A Comissão apoia os neerlandeses, mas vários Estados-Membros temem represálias dos EUA caso a Europa continue a exportar as máquinas. A posição europeia fragmenta-se antes mesmo de se consolidar adequadamente.

Sentindo-se traídos, os neerlandeses recorrem ao Japão e à Coreia do Sul, países com posições igualmente importantes na cadeia de fornecimento de hardware e que também sofrem pressão dos EUA, para coordenar uma resposta conjunta. Mas ambas as capitais continuam fortemente dependentes do apoio militar americano e, para cúmulo, receberam a visita de altos funcionários públicos americanos nas últimas duas semanas. Ficam educadamente indisponíveis.

Quando os neerlandeses se mantêm firmes, Washington ameaça-os. Washington pode invocar o Regulamento do Produto Direto Estrangeiro, um regulamento que permite a Washington exercer jurisdição sobre qualquer produto fabricado em qualquer parte do mundo, por qualquer pessoa, desde que tenha sido produzido com recurso a tecnologia ou software americano. É o mesmo instrumento que Washington usou para asfixiar a Huawei em 2020. As máquinas da ASML qualificam-se muito mais. Continuar a vender qualquer DUVi à China seria uma violação da lei

americana por parte da ASML. A empresa pode enfrentar sanções severas, como a negação de privilégios de exportação, coimas civis e, em teoria, responsabilidade criminal para executivos na qualidade de pessoas singulares. Estas sanções também prejudicariam os EUA, que dependem das máquinas da ASML. Mas a ASML não se pode dar ao luxo de desafiar Washington. Os neerlandeses retrocedem.

Em Bruxelas, Caroline lê as notícias no telemóvel entre reuniões. Pensa no seu memorando de 2026 sobre a necessidade de criar alavancagem. Recorda o rosto amigável do diretor quando lhe disse que aquela tinha sido uma contribuição útil e atenciosa.

Christian: este é o tiro de aviso

Christian: diz-me que estão a tratar disto

Caroline: Os meus colegas diretos estão.

Caroline: Outros consideram-no um revés.

Christian: está bem

Christian: anotado

Caroline: Quero dizer, que percebo porque é que os EUA o fizeram

Caroline: Mas não conseguimos negociar absolutamente nada como contrapartida.

Christian: está tudo lixado

Agosto 2028 — Sinais de alerta

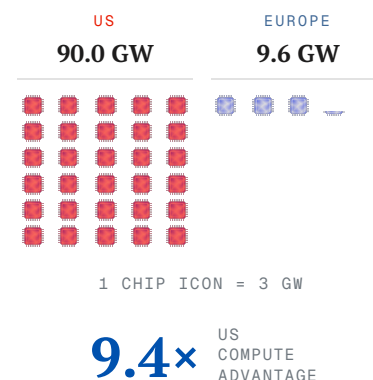
Os modelos de IA já não pensam em inglês.

Em vez de anotarem pensamentos num bloco de notas digital, um sistema utilizado desde o início de 2025 e que os humanos conseguem ler, os novos sistemas percorrem longas listas de números, chamadas vetores de alta dimensão, que ninguém, nem mesmo outros modelos de IA, conseguem interpretar corretamente. Livres da necessidade de traduzir os seus pensamentos complexos para inglês, os sistemas pensam mais depressa e de forma mais profunda. O que significa gera um salto rápido em inteligência e capacidade.

Os investigadores de segurança que acompanham o trabalho estão alarmados, uma vez que muitas das suas estratégias para controlar os modelos dependiam diretamente da disponibilidade destes blocos de notas. Como saberemos se os modelos não estão secretamente a perseguir os seus próprios objetivos? Como irão os sistemas de monitorização do uso indevido detetar comportamentos preocupantes se não conseguem compreender o raciocínio por detrás dos mesmos? Em Bruxelas, os especialistas querem que o Gabinete Europeu de IA obrigue os programadores a voltar a utilizar sistemas baseados em blocos de notas ou a apresentar outras provas em como compreendem o que se passa nos bastidores. Mas o Gabinete de IA já está envolvido em processos intensos contra dois programadores americanos. A relação transatlântica não pode aguenta mais.

Para a maioria das pessoas, os efeitos mais imediatos são sobre as capacidades. Modelos que antes não conseguiam concluir projetos de investigação de vários dias de forma fiável, agora já conseguem. Nos EUA, os empregadores que vinham hesitando em despedir funcionários tomam agora a iniciativa. A contratação de profissionais em início de carreira permanece estagnada. O desemprego acelera.

A Europa apresenta uma menor pressão sobre o mercado de trabalho, mas também um menor crescimento: a sua economia cresce a uma taxa de 1,6%, enquanto os EUA registam um crescimento de 3,8%. A diferença é inegável e amplamente atribuída às disparidades na captura de valor da IA. A Europa tem acesso a modelos praticamente idênticos, mas não consegue obter os mesmos ganhos económicos. Existem três motivos para isso.



O primeiro é a propriedade. As empresas de IA e os fornecedores de infraestruturas cujas receitas estão a disparar estão todos sediados nos EUA. Existem start-ups de IA nativas da Europa, mas é o capital de risco americano que fornece as rondas de investimento para expansão, e as de crescimento mais rápido mudam-se cada vez mais para o estrangeiro.

O segundo é a aceitação. Apesar dos projetos-piloto de adoção na Europa, as empresas americanas têm-se mobilizado de forma mais agressiva para integrar a IA de última geração nos seus fluxos de trabalho. Algumas empresas europeias são prejudicadas por regras fragmentadas, outras por uma cultura de gestão contra ao risco ou por políticas internas que obrigam à utilização de alternativas nacionais inferiores. Uma sociedade de advogados em Milão, que anteriormente cobrava honorários exorbitantes pelo seu conhecimento em direito comercial italiano, concorre agora com uma sociedade de advogados americana cuja inteligência artificial lida simultaneamente com as jurisdições italiana, francesa e alemã, de forma mais rápida e mais económica. Os advogados da sociedade italiana estão ainda impedidos de usar modelos IA topo de gama. O mesmo padrão repete-se na consultoria, software, marketing e finanças.

O terceiro é o que acontece às empresas que adotam. Muitas empresas americanas de média dimensão reestruturam-se em volta da IA em meses, com organogramas mais horizontais, equipas mais pequenas e ciclos mais rápidos, enquanto as europeias frequentemente demoram anos. Os conselhos de trabalhadores dificultam a adoção em larga escala de ferramentas poderosas de IA; a legislação laboral dificulta o despedimento de funcionários cujos empregos podem ser automatizados e cuja mão-de-obra seria necessária em sectores do mercado de trabalho que enfrentam escassez. Embora alguns trabalhadores se tornem muito mais produtivos com a ajuda da IA, um número pequeno, mas crescente, de trabalhadores europeus envolve-se em trabalho simulado: ligam-se, participam em reuniões, mas deixam que os agentes de IA façam a maior parte do trabalho numa fração do tempo. O que não deixa de ter benefícios: significa mais tempo em família, almoços demorados e passeios à tarde. O reverso da medalha é que as empresas estão a pagar tanto pela IA como por trabalhadores humanos improdutivos, e o capital que deveria financiar o crescimento continua retido na manutenção da força de trabalho existente.

O que acontece numa altura em que a economia europeia já enfrenta dificuldades, as suas principais indústrias transformadoras estão a transferir-se cada vez mais para o estrangeiro, sendo as outrora prestigiadas fabricantes de automóveis algumas das mais afetadas. Devido

a terem perdido o aumento súbito da procura dos veículos elétricos, enfrentam imensa pressão de automóveis chineses mais baratos e melhores, deixando milhões de trabalhadores com futuros incertos.

E agora a base tributária europeia também começa a deteriorar-se. O dinheiro que antes era atribuído aos trabalhadores flui agora cada vez mais para as empresas americanas e para os seus investidores, grande parte dele canalizado através de jurisdições de baixa tributação que as autoridades tributárias europeias não conseguem alcançar. Ao mesmo tempo, os pedidos de subsídio de desemprego aumentam em todo o continente, não drasticamente, mas os números dos EUA sugerem para onde as coisas se dirigem. E o aumento súbito da IA está a aumentar as taxas de juro globais, fazendo com que países como a França gastem uma maior fatia do orçamento anual no pagamento da sua dívida pública.

Caroline: Penso que finalmente te compreendo.

Caroline: A única forma de correção verdadeira para a espiral descendente da Europa é o crescimento económico.

Caroline: Mas o crescimento está a acontecer nos EUA.

Christian: certo

Caroline: Acabei de encontrar uma antiga colega de turma

Caroline: Ela trabalha 3 horas por dia.

Caroline: Deixa os seus agentes de IA fazer o resto.

Caroline: Aparentemente, começou a dedicar-se à jardinagem.

Christian: penso que seja bom para ela.

Novembro 2028 — Vox populi (Voz do povo)

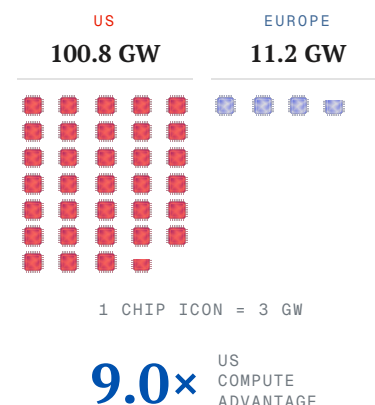
É tempo de eleição presidencial nos EUA. O mundo, como sempre, sustém a respiração.

A IA foi o tema central da campanha, mas não da forma que a indústria esperava. Atualmente, a maioria dos americanos não deseja ter nada a ver com IA. Os grupos ambientalistas preocupam-se com o consumo de energia dos centros de dados; os sindicatos preocupam-se com os empregos. Os professores querem que seja retirada das salas de aula; os advogados querem que seja retirada dos tribunais.

Durante as primárias, os populistas, tanto de esquerda como de direita, apresentaram campanhas com fortes plataformas contra a IA. Apelaram a moratórias para os centros de dados, proteção dos trabalhadores, proibição da utilização de IA na educação e restrições de idade. As eleições gerais produziram mais candidatos centristas, os fortes laços com a indústria ajudaram a apoiar as campanhas presidenciais, mas o sentimento não desapareceu. As pessoas estão zangadas.

As visões contra a IA abrangem todo o espectro político, mas não fazem a união das pessoas. Surgiram fissuras, não só entre democratas e republicanos, mas também entre as elites que utilizam a IA e as classes médias que a consideram assustadora, desumanizante ou imoral, e que assistem ao crescimento da desigualdade em tempo real. As pessoas estão cada vez mais a sair às ruas; vários CEO de empresas tecnológicas foram alvo de tentativas de assassinato. Um centro de dados foi recentemente incendiado. Mas o governo dos EUA não pode tomar medidas enérgicas contra a IA; o novo presidente, tal como o anterior, está convencido de que os EUA necessitam vencer a corrida da IA contra a China ou enfrentarão ameaças inaceitáveis à segurança nacional. Assim, em vez de dar ao público o que este quer, apresenta algumas soluções paliativas para tentar acalmá-lo.

O sentimento contra a IA dissemina-se também pela Europa. A população está furiosa com as empresas tecnológicas americanas e exige que os governos tomem medidas. Pedem redes de proteção social mais robustas, sem se aperceberem que a Europa mal consegue suportar as que já possui.



Entretanto, as empresas de IA da Europa estão a ficar cada vez mais atrasadas.

A diferença entre a Helios e a Atlas aumentou ainda mais, apesar dos investimentos públicos, dos subsídios computacionais e dos contratos de aquisição preferenciais. Os laboratórios americanos, impulsionados por enxames de agentes de IA internos que escrevem a maior parte do seu próprio código, estão a fazer progressos algorítmicos a mais do dobro da velocidade que conseguiriam apenas com humanos. Apenas as limitações de poder computacional impedem um progresso ainda mais rápido, e a Atlas possui mais capacidade computacional do que qualquer outra organização na história. O multiplicador de investigação da Helios, com uma fração da capacidade de processamento e sem acesso aos melhores modelos americanos para uso interno, mal regista quaisquer resultados. A cada mês, a diferença aumenta.

Os esforços públicos estão a gerar bens públicos, mas não estão a reforçar de forma significativa a soberania europeia. A Iniciativa Frontier AI fez progressos impressionantes na sua agenda de interpretabilidade, o que beneficia a fiabilidade da IA globalmente, mas o seu programa de modelos mundiais foi sequestrado. Assim que os resultados começaram a aparecer, a Atlas apercebeu-se do progresso da Iniciativa, rapidamente formou a sua própria equipa e conseguiu atrair quatro dos melhores investigadores da Iniciativa Frontier AI em troca de orçamentos computacionais astronómicos. Os investigadores queriam permanecer na Iniciativa, e disseram-no aos colegas na sua saída da Iniciativa; acreditavam no projeto europeu e queriam ajudar. Mas, a dada altura, acreditar já não chega.

O público consegue ver que a grande estratégia da UE para a IA está a falhar. Os investimentos não permitiram que empresas principais como a Helios atingissem o nível esperado. As medidas regulamentares ao abrigo do Regulamento dos Serviços Digitais não criaram condições equitativas; a sua contribuição mais visível foi irritar os americanos e agravar as relações entre a UE e os EUA.

Mas a Europa investiu vasto capital político e capital real no projeto, e admitir o fracasso significaria admitir que gastou dois anos e dezenas de milhares de milhões de euros num beco sem saída. Portanto, redobra a aposta.

A Comissão Europeia anunciou um novo Fundo Soberano Europeu para a IA, no valor de 20 mil milhões de euros, com foco na fotónica, na IA topo de gama e noutros paradigmas de vanguarda. O que é claramente uma possibilidade remota. As mesmas instituições que não conseguiram transformar o dinheiro em capacidade de ponta estão a ser solicitadas a tentar novamente, com um objetivo mais difícil e com menos tempo. Segundo um eurodeputado polaco contou a Caroline numa receção, este é o primeiro caso conhecido de aumento de aposta sem ter qualquer carta na mão.

Surgem fraturas. Na Alemanha, um partido populista com um moto numa plataforma explicitamente contra a IA – Parem as máquinas, salvem os empregos alemães – lidera as sondagens para as próximas eleições federais. Em Itália, onde os governos eurocéticos são a norma há meia década, os partidos populistas fazem campanha abertamente a favor de um referendo sobre ser um Estado-Membro da União Europeia.

Em Paris esgota-se a paciência. O Palácio do Eliseu já não acredita que o plano da UE consiga cumprir os prazos exigidos. A Helios, a única empresa europeia que ainda opera no mercado dos grandes modelos de linguagem (LLMs), pode estar a poucos meses de ser definitivamente ultrapassada pela concorrência. Após intensas negociações, a França anuncia um investimento estatal de 15 mil milhões de euros na Helios, em troca de uma participação acionista de 17%, um lugar no conselho de administração e poder de veto sobre futuras rondas de angariação de fundos.

Christian: a França acabou de comprar um cadáver Caroline: Não é justo.

Caroline: Estas pessoas estão realmente a tentar fazer alguma coisa.

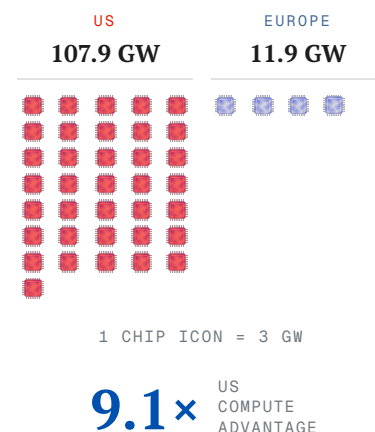
Christian: não altera os factos.

Janeiro 2029 — Sonhos de uma economia robotizada

A estratégia de IA da China não é muito diferente da UE, exceto num aspeto crucial: parece estar a resultar. Tal como Bruxelas, Pequim está a apoiar as suas empresas mais promissoras, protegendo o sector com subsídios e mandatos de aquisições, e incentivando a rápida adoção. Mas é mais fácil para um Estado centralizado e autoritário impor a sua própria agenda do que para vinte e sete Estados-Membros em disputa numa democracia liberal. Quando os seus recursos computacionais estavam fragmentados entre diferentes laboratórios, o Partido Comunista Chinês simplesmente ordenou que esses laboratórios partilhassem os seus recursos; A Comissão Europeia não dispõe de tais poderes. A China possui um vasto conjunto de talentos e acesso à energia barata e abundante. Os laboratórios chineses de investigação de última geração continuam com um atraso de, no máximo, um ano em relação aos dos EUA.

É importante salientar que a China não acredita que a sua estratégia dependa de estar na vanguarda da IA cognitiva. O governo sempre quis que a IA impulsionasse primeiro a economia física e detém uma enorme vantagem na produção robótica. Os enormes subsídios estatais impulsionaram a produção anual de robôs humanoides para mais de 1 milhão de unidades; um robô doméstico pode agora ser adquirido por 10.000€. Em cidades como Shenzhen, é comum ver robôs humanoides a limpar as ruas ou encomendas a serem entregues por robôs quadrúpedes. Pequim aposta que basta seguir de perto Silicon Valley em IA para que a sua vantagem industrial comece a dar frutos à medida que surjam mais capacidades relevantes para a robótica.

A aposta ainda parece exequível e, nos EUA, a preocupação aumenta. Os políticos norte-americanos começaram a referir-se à corrida à IA com a China como a segunda Guerra Fria. As tensões aumentaram ainda mais desde que os EUA forçaram a ASML a interromper as exportações para a China, e Pequim e Washington reforçaram a segurança à volta do desenvolvimento de IA nas suas respetivas áreas. Nos EUA, os investigadores são selecionados pelas agências de inteligência e necessitam de autorização de segurança para aceder aos pesos dos modelos de fronteira; o governo federal acusa regularmente a China de roubar segredos algorítmicos. A China semi-nacionalizou a Zimo e está a investir consideravelmente nos seus esforços na área da IA. Quando parte da rede



elétrica chinesa colapsa perto de um importante centro de dados da Zimo, espalham-se rumores de que o incidente foi o resultado de um ciberataque com IA, apoiado pelos EUA.

Christian: estou em Shenzhen.

Christian: um robô com um chapéu de marinheiro acabou de fazer um Negroni para mim

Christian: aqui fabricam robôs como clipes de papel

Caroline: O Negroni estava bom?

Christian: sim. Excelente

Abril 2029 — Acesso a todas as áreas

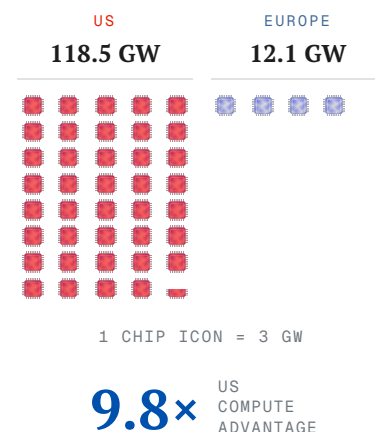
A procura de IA está a disparar, e a oferta de poder computacional não consegue acompanhar o ritmo da procura. Os laboratórios estão a racionar o acesso aos seus modelos topo de gama e a aumentar os preços; as empresas estão a clamar por tokens.

As empresas americanas operam 70% da capacidade computacional de IA do mundo e vendem os seus serviços em todo o planeta. O que significa que a infraestrutura americana está a ser utilizada para tornar as empresas estrangeiras mais produtivas, as forças armadas estrangeiras mais capazes e os laboratórios estrangeiros mais competitivos, embora estes últimos se realizem através de ataques de extração de modelo, e não através de vendas legítimas. Em Washington estão cada vez mais preocupados a com isso a cada dia que passa.

A revisão da segurança nacional americana foi formalizada e deixou de pretender ser voluntária. O acesso aos modelos mais potentes é limitado por defeito, em parte para poupar capacidade de processamento para os clientes americanos. Os organismos governamentais nacionais recebem-nos primeiro; os governos aliados vêm logo a seguir; os países adversárias não os recebem de forma alguma.

Mas o acesso aos modelos e aos seus pesos é uma coisa. A escassez de capacidade computacional faz com que a inferência também esteja em alta, e em abril, Washington já não aguentava mais. Começa não só por limitar o acesso, mas também por racionar a utilização, mesmo para os países aliados.

O Regulamento de Serviços de Inferência de Fronteira (FISR, na sigla em inglês) é um regime de licenciamento com base em cada país. Os países de primeiro nível, aliados próximos, como os países anglófonos que partilham informações de inteligência (“Cinco Olhos”), bem como o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan e os Países Baixos, têm acesso comercial irrestrito e relatórios com pouca intervenção. Os países de terceiro nível, como o Irão, a Rússia e a China, têm, por defeito, qualquer acesso negado. A maior parte da Europa está nos cerca de 100 países de segundo nível, que se situam entre estes dois extremos. O FISR determina que não mais de 25% da receita de inferência de fronteira de qualquer fornecedor pode ser atribuída



a clientes de segundo nível no total, sendo as licenças individuais analisadas com base numa lista de fatores, incluindo o “alinhamento com os interesses de segurança nacional dos Estados Unidos”.

Para Bruxelas, o que interessa são os 25%, o que é uma má notícia. Atualmente, só os clientes europeus representam quase um quarto da inferência de fronteira dos EUA. Partilhar equitativamente com cerca de oitenta outros países significaria reduzir aproximadamente para metade as verbas atribuídas à Europa. No prazo de uma semana, os clientes empresariais europeus sem contratos de longo prazo recebem avisos dos seus fornecedores, reduzindo os volumes e aumentando os preços. Não podem mudar de fornecedor para outro laboratório, porque todos os fornecedores dos EUA estão sujeitos às mesmas restrições.

A Europa depende da IA americana, mas os EUA não têm essa dependência da Europa. A capacidade computacional é tão escassa atualmente que a perda de clientes europeus não tem qualquer efeito perceptível nos resultados financeiros dos laboratórios: estes já estavam com capacidade limitada, pelo que a conclusão de que já não estão a vender para a Europa pode ser atribuída à procura latente nos Estados Unidos ou simplesmente aos seus próprios investimentos internos em investigação e desenvolvimento. A Atlas e os seus concorrentes pressionam a Casa Branca, em discussões privadas, para que suavize a sua posição. As restrições ameaçam fechar os mercados de futuros e são péssimas para a imagem da empresa. Mas não estão dispostos a expressar as suas preocupações publicamente, uma vez que, à medida que aumentam as restrições de segurança nacional à volta da IA, torna-se ainda mais importante manter boas relações com o governo federal. Além disso, estão focados em vencer a corrida pelas capacidades e em manter o controlo dos sistemas de IA que se estão a tornar rapidamente mais inteligentes do que as pessoas que os operam. Há pouca pressão sobre Washington para que altere a sua posição.

Em Bruxelas, é convocada uma reunião de emergência do Conselho Europeu. Ministros franceses e alemães deslocam-se a Washington para exigir a designação de primeiro nível. É-lhes dito que o segundo nível reflete melhor “o estado atual das relações bilaterais”.

Caroline lê as mensagens no metro a caminho de casa. Sempre soube que este momento chegaria. Mesmo assim, sente que lhe caiu uma bomba em cima.

Caroline: Agora compreendem. É demasiado tarde.

Christian: sim

Christian: tinha receio disto

Christian: quanto tempo até que ameacem cortar todo o acesso?

Caroline: Estava a pensar o mesmo.

Maio 2029 — Frustração

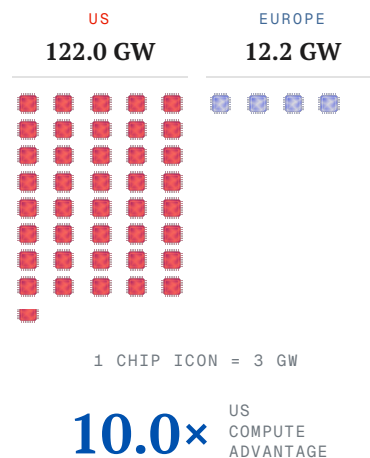
Uma semana após a imposição do limite de inferência, os telefones nas capitais europeias não param de tocar, com as empresas em pânico a tentar adiar o inevitável. O CEO de uma empresa francesa de serviços públicos telefona para o Palácio do Eliseu para dizer que as suas equipas de cibersegurança já estão a perder terreno para os ataques com inteligência artificial e que reduzir para metade o acesso aos modelos de topo americanos deixaria a infraestrutura crítica perigosamente exposta.

O presidente de uma gigante dinamarquesa da logística disse ao primeiro-ministro do país que anos de otimização deixaram a empresa dependente de sistemas americanos que agora não podem ser facilmente substituídos, e que todo o seu modelo de negócio está em risco. Uma delegação alemã de pequenas empresas alerta a Chancelaria de que o aumento dos preços, por si só, impedirá milhares de pequenas empresas de utilizarem IA de última geração.

As empresas europeias que tiveram a perspicácia de adiar ou revogar as suas políticas de IA soberana passaram anos a construir as suas operações em torno de agentes de IA de última geração. Agora, enfrentam o risco de perder esses agentes. As alternativas europeias estão quase dois anos atrasadas. As alternativas chinesas não são realmente uma opção para quem tem um departamento de conformidade.

Em Bruxelas, finalmente, ninguém defende que a IA está sobrevalorizada. Caroline não ouve a palavra “bolha” há meses. O seu diretor, que antes dizia que ela estava a exagerar, passa agora os dias ao telefone com capitais de outros Estados-Membros, a avaliar os danos. Numa terça-feira à tarde, pára na sua secretária com dois cafés e entrega-lhe um. Beberam os cafés sem muitas palavras. Ela percebe que é o mais próximo que ele consegue fazer para pedir desculpa.

Agora todos compreendem o problema, mas compreendê-lo e conseguir resolvê-lo são coisas muito diferentes. A procura pelos modelos da Helios disparou muito para além da capacidade da empresa. As Gigafábricas estão finalmente em construção, mas só entrarão em funcionamento no próximo ano, e mesmo assim representarão apenas uma pequena fração do necessário para suprir a procura.



Christian: sabes o que é engraçado?

Christian: a França vai lucrar muito com o investimento na Helios

Christian: a nova procura é elevadíssima

Caroline: É um jogo de xadrez em 3D, não é?

A economia europeia está a ser estrangulada. Após uma série de tensas discussões telefónicas com Washington, os líderes europeus decidem que é preciso fazer algo drástico. Pela primeira vez na sua história, a Comissão Europeia inicia um exame formal ao abrigo do Instrumento Anticoerção, a bazuca comercial, como a imprensa de Bruxelas o denomina há anos, desde quando era um instrumento de dissuasão que ninguém esperava que fosse realmente utilizado.

Após quatro meses de avaliação, chega-se à conclusão de que o FISR constitui coação económica. Mas a avaliação também chega a uma conclusão desconfortável: a retaliação evidente é contraproducente. As tarifas sobre os serviços digitais e de nuvem dos EUA aumentariam o preço da inferência de fronteira que as empresas europeias já se estão a esforçar para garantir. Excluir os fornecedores americanos de contratos públicos, uma ameaça que teria sido um grande problema há uma década, é irrelevante, uma vez que o Regulamento de Soberania Digital já o faz.

Assim sendo, as contramedidas propostas recorrem às ferramentas menos óbvias do instrumento: suspender as proteções de propriedade intelectual que os laboratórios dos EUA detêm no mercado único e examinar ou bloquear as aquisições americanas de empresas europeias. Estão calibradas para atingir os exportadores de Washington sem afetar os orçamentos de capacidade computacional da Europa.

A medida que causaria maior impacto seria a que se dirigia à cadeia de fornecimento de litografia: restringir as exportações e a prestação de serviços da ASML às fábricas americanas no Arizona. É também uma medida nuclear que suscitará uma resposta que a Europa poderá não ter condições para suportar.

Em termos de votação, a medida não atinge a necessária maioria qualificada. Os Países Baixos e a Irlanda opõem-se, alegando as relações transatlânticas. A Polónia e os países bálticos, preocupados com a Rússia, fazem o mesmo. A Itália abstém-se. Oficialmente, um alto funcionário da Comissão declarou aos jornalistas que o resultado reflete “diferentes avaliações nacionais do ambiente estratégico”. Não oficialmente, um funcionário público francês disse aos mesmos jornalistas que os delegados estavam demasiado assustados com Washington para usar a arma que levaram uma década a construir.

Caroline passa a maior parte do verão em reuniões de crise. As mesmas pessoas que lhe diziam, há alguns anos, que tudo iria correr bem, perguntam-lhe agora se ainda é possível fazer qualquer coisa. Ela responde-lhes que a janela para uma ação significativa se fechou algures entre 2025 e 2027. Agora só resta o controlo de danos.

Fevereiro 2030 — Choque no mercado de trabalho

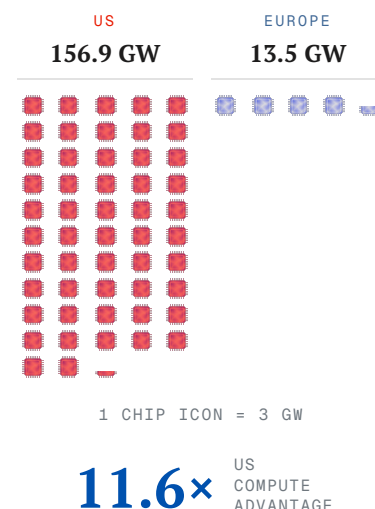
A lua-de-mel do trabalho simulado na Europa, em que as pessoas iam tratar do jardim enquanto os agentes de IA faziam o seu trabalho e as empresas estavam proibidas de as despedir, não dura muito tempo.

As empresas europeias, obrigadas a pagar a uma equipa completa de funcionários, não conseguem competir com as suas rivais americanas com menos funcionários, especialmente porque são prejudicadas por modelos piores e inferências menos abundantes e mais dispendiosas. O choque atinge primeiro os sectores mais expostos à IA. As empresas de software saem a perder porque as americanas entregam mais rapidamente, a uma fração do custo na Europa. As consultoras de média dimensão percebem que os seus conselhos são facilmente previstos por modelos de última geração e que têm pouco a acrescentar.

Além disso, os sistemas de IA continuam a melhorar cada vez mais. A aprendizagem contínua era frequentemente considerada o último obstáculo à verdadeira automatização do trabalho cognitivo. Os trabalhadores humanos constroem o contexto, o discernimento e o conhecimento tácito ao longo das suas carreiras. Os sistemas de IA iniciavam cada nova conversa com os mesmos pesos fixos. As janelas de contexto longas e a memória externa reduziram parcialmente a lacuna, mas o modelo nunca aprendeu nada de novo durante a implementação.

Contudo, isso já mudou. Se o modelo mais recente da Atlas passar seis semanas numa empresa de consultoria, começará a escrever da mesma forma que essa empresa. Aprendem a relação hierárquica dos funcionários, quais clientes reagem mal a más notícias e quais quadros superiores têm reputações nas quais podem confiar. A implementação é imperfeita, mas as falhas são raras e compensam o preço. Empregos cognitivos antes considerados seguros, protegidos por raciocínio sensível ao contexto ou por conhecimento institucional ilegível, estão agora expostos.

Poucas pessoas são ativamente despedidas por causa da IA, mas o problema é que as empresas que permanecem em crise não estão a criar novos empregos. O mercado de trabalho para os recém-licenciados está pior do que nunca. Sociedades de advogados, empresas financeiras, escritórios de contabilidade, qualquer pessoa que ainda possa suportar



taxas de juro exorbitantes ou que tenha a sensatez suficiente para ter assinado um contrato de longa duração, suspendeu ou reduziu a sua angariação de fundos.

O irmão mais novo de Caroline concluiu o mestrado em gestão logística no verão passado e desde então está à procura de trabalho. Jantam juntos em Paris uma vez por mês, ela paga, e ele pergunta-lhe se devia requalificar-se. Ela não sabe como responder-lhe. A escassez de enfermeiros é real, mas ele não gosta de ver sangue. Não tem vocação para trabalhar no comércio. Ele acena com a cabeça, pede mais uma cerveja e ela deixa-o mudar de assunto.

Os políticos que construíram as suas carreiras em plataformas contra a IA são ilibados. Os que apoiaram a IA estão agora em apuros. Os protestos de rua tornam-se rotina nas capitais europeias, uns exigindo proteção laboral, outros exigindo a proibição da IA americana, outros ainda exigindo a proibição de toda a IA, todos exigindo que alguém num edifício qualquer faça alguma coisa.

Há mais de um ano que os serviços de informação europeus têm vindo a alertar para operações de informação coordenadas que visam o público europeu. As narrativas são adaptadas às angústias locais: A tecnologia americana está a devastar o continente, Washington trata a Europa como vassala, a relação transatlântica é uma via de sentido único. Nada disto é verdadeiramente falso. Haia e Berlim publicam relatórios de atribuição que apontam para Pequim. O público, inclinado a concordar com o sentimento subjacente, independentemente de quem o está a amplificar, não lhe dá grande importância.

Christian: como está a Europa?

Caroline: As pessoas estão zangadas, é compreensível.

Christian: aqui também não está lá muito bem

Christian: outro centro de dados foi alvo de um ataque incendiário na semana passada.

Caroline: Eu vi.

Christian: toda a gente sente que está a perder

Christian: exceto os laboratórios

Junho 2030 — Uma oferta irrecusável

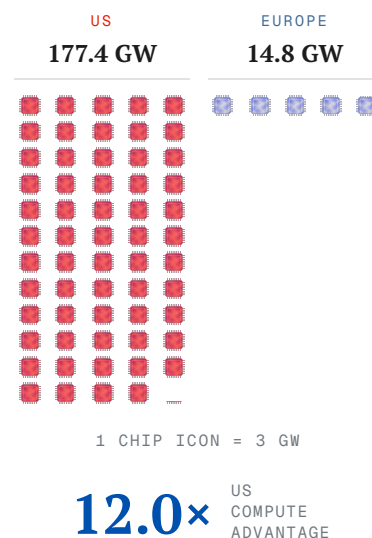
A China lidera o sector da robótica. Mas agora a Atlas também está a apostar tudo na robótica.

Anuncia planos para investir centenas de milhares de milhões em dados industriais e capacidade de produção para construir robôs a uma escala comparável à da China. O seu CEO expõe o seu raciocínio: Os Estados Unidos lideram ainda em software de IA. Com a ajuda da sua nova equipa de modelos do mundo, conseguiu superar os últimos desafios de software que impediam o desenvolvimento da robótica de utilização geral. Mas as cadeias de abastecimento físicas demoram anos a serem construídas. Se a Atlas conseguir lá chegar antes dos seus rivais, a vantagem será ainda maior: em breve, os robôs estarão a construir as fábricas que constroem os robôs, tal como os agentes de IA estão a escrever o código que melhora a própria IA.

E há muito trabalho a fazer para alcançar a China. Enquanto nos EUA são necessários dois anos para construir uma nova fábrica de robôs, na China este processo demora apenas sete meses. Uma década de hiperescala de centros de dados deixou os EUA com restrições energéticas e o povo americano ressentido com tudo o que está relacionado com a IA; novas centrais encontram resistência local e os políticos estaduais estão ao lado dos seus eleitores. O crescimento inegavelmente rápido da economia é limitado pela infraestrutura, pela desigualdade e pela opinião pública.

Assim, o CEO decide que o caminho mais rápido não é construir, mas sim comprar, para modernizar as fábricas já existentes. Apoiado por fundos de investimento sustentáveis, vai adquirir empresas industriais com espaço disponível que possa ser convertido na produção de robôs sobre rodas, quadrúpedes e humanoides.

Os fabricantes de automóveis europeus estão no topo da lista. Após anos de concorrência chinesa, a maior empresa alemã encontra-se à beira da falência. A sua capitalização bolsista caiu 80% face ao pico anterior à era dos veículos elétricos, para 18 mil milhões de euros. Para a Atlas, que vale agora 13 biliões de dólares, são apenas trocos. Mas com grandes benefícios. A legislação laboral alemã obrigou o fabricante a manter a sua força de trabalho, agora desnecessariamente numerosa. Já não conseguem pagar os



seus salários e os acionistas têm procurado ativamente uma solução há dois anos. É a oportunidade ideal, para uma empresa que procura produção de alta tecnologia para construir dezenas de milhões de robôs por ano.

Berlim discorda. Bloqueia a venda por motivos de segurança nacional, mas fontes internas sabem que a questão central é o orgulho nacional.

A Atlas não recua O CEO telefona ao presidente dos EUA, que já declarou publicamente que quem ganhar na área da robótica ganha a economia, e que a China está a avançar mais rápido do que é admitido por Washington. No prazo de setenta e duas horas, a Casa Branca anuncia que as importações automóveis europeias serão alvo de tarifas elevadíssimas. Oficialmente, a medida nada tem a ver com a tentativa de aquisição da fábrica de automóveis.

Três semanas depois, é anunciada uma alienação, embora disfarçada de parceria. O Estado alemão deterá uma participação de 20% na nova entidade, e o atual conselho de administração manterá o controlo nominal. O comunicado de imprensa utiliza a palavra “europeu” onze vezes.

Nos bastidores, a Atlas está no comando. A empresa detém a maioria operacional, os direitos de licenciamento da plataforma de produção e o direito de preferência em qualquer futura angariação de capital. Os lucros são geridos por uma sociedade gestora de participações sociais (SGPS) de Delaware. Berlin salva apenas as aparências.

O padrão repete-se várias vezes durante os meses seguintes. Os conselhos de administração têm o dever fiduciário de agir no interesse dos acionistas e, quando a oferta é muito superior ao valor de mercado e a alternativa é a insolvência, os interesses dos acionistas são evidentes. As empresas fabricantes de alta tecnologia, como robótica, aeroespacial e fabricantes de ferramentas especializadas são adquiridas e reestruturadas, uma depois da outra, por consórcios americanos. A posição oficial é de ao fazê-lo protegem os postos de trabalho e mantêm instalações vitais em território europeu, mas, na realidade, a Europa não tem uma contraproposta plausível.

Christian: já lá vão onze

Caroline: Também contei.

Christian: claro que contaste

Agosto 2030 — Colapso do modelo

Os Estados Unidos não estão a tentar destruir a Europa. Estão a tentar vencer a China numa corrida que consideram existencial. Mas, do sítio onde Caroline se encontra, é difícil notar a diferença.

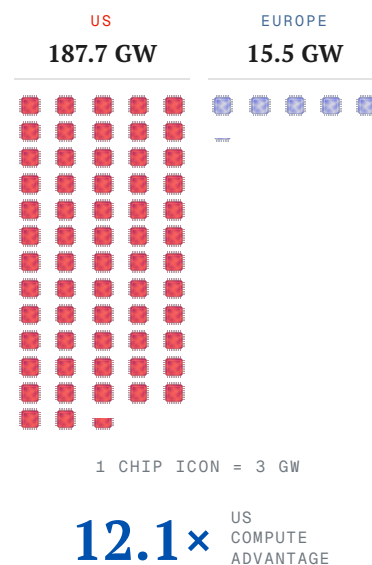
A Europa já passou por algo semelhante anteriormente, após a crise financeira de 2008. As obrigações com a assistência social aumentam ao mesmo tempo que diminui a cobrança de impostos. Os governos contraem empréstimos com base num crescimento que não se concretiza. Os credores apertam as condições de crédito. A cada passo, diminuem e agravam-se as opções dos decisores políticos.

Em Paris, o ministro das Finanças apresenta à Assembleia Nacional um orçamento em que nenhum deputado acredita, incluindo ele próprio. Há três números que simplesmente não podem ser conciliados: as despesas com a assistência social estão a aproximar-se dos níveis da época da COVID, a receita do imposto sobre as empresas caiu 9% e um décimo do orçamento é gasto no pagamento da dívida pública cada vez maior. A única forma de pelo menos, fingir que é possível sair da situação é apresentando previsões de crescimento totalmente irrealistas que todos percebem imediatamente.

Caroline assiste ao debate no telemóvel durante o almoço. Pensa no seu irmão. Ela ainda não encontrou trabalho. Tem dívida do empréstimo para os estudos, não tem poupanças e voltou a viver com os pais. Vários dos seus amigos fizeram o mesmo, e alguns começaram a falar em mudar-se para o Reino Unido, que, para surpresa de muitos, conduziu a transição para a IA muito melhor do que a maioria dos países da UE.

A Moody's coloca a França em perspetiva de notação negativa durante este mês. Segue-se a Standard & Poor's (S&P). A própria redução da classificação de risco ocorrerá mais tarde, mas o mercado já a precificou. O custo dos empréstimos do governo francês distancia-se acentuadamente do custo dos empréstimos da Alemanha, atingindo a maior diferença desde a criação da moeda única. Os mercados já não têm a certeza se um euro francês e um euro alemão são a mesma coisa, ou se a zona euro conseguirá manter-se unida.

Em setembro, o pagamento da dívida francesa ultrapassou os 12% do orçamento. A partir de novembro, as agências passam a realizar as análises de forma contínua, em vez de trimestralmente. A seguir ocorreu a redução



da classificação de risco da Itália, Espanha e Grécia. Nos quatro países, o dinheiro que antes entrava nos cofres públicos foi desviado para os balanços patrimoniais americanos, e a base fiscal remanescente é insignificante em comparação com o aumento dos custos de assistência social e de empréstimos. A cada divulgação de resultados, as projeções de crescimento são revistas em baixa.

Por volta da mesma altura, começam a surgir os empréstimos. Um fundo estatal chinês concede uma linha de crédito a um banco português de infraestruturas. Um segundo fundo refina uma parcela da dívida soberana grega em condições que nenhuma instituição europeia conseguirá igualar. Um terceiro fundo financia um governo regional espanhol. Um memorando da Comissão que foi divulgado, descreve o padrão como “aplicação de capital estrategicamente motivada”. Ninguém sabe bem qual é a estratégia. Alguns analistas acreditam que Pequim deseja a ASML ou um acordo de licenciamento da Litografia Ultravioleta Extremo; outros, nada mais concreto do que o afastamento entre a Europa e os Estados Unidos.

Christian: viste os resultados da França?

Caroline: O que me preocupa mais são as linhas de crédito chinesas.

Caroline: Estamos a ser despedaçados.

Christian: tenho pena

Christian: estou realmente preocupada

As consequências políticas não tardam a chegar. Os protestos intensificam-se por toda a parte até se tornarem violentos. Os ecrãs gigantes do Berlaymont exibem tumultos em Paris e Roma; para os jovens, que na sua maioria, partilham poucas convicções para além de que o sistema desiludiu-os. Os partidos populistas, frequentemente explicitamente contra a IA e contra os EUA, lideram as sondagens na maioria dos países da UE. A Europa está a fragmentar-se. O sul da Europa precisa da ajuda do

norte da Europa, mas mesmo os países que não estão totalmente endividados e que, teoricamente, poderiam ajudar, como a Alemanha, enfrentam as suas próprias crises internas.

Partes do bloco começam a desagregar-se. A Eslováquia deixou de fingir que leva a Comissão a sério em outros assuntos sem ser o comércio. A Polónia e os países bálticos, desconfiados da Rússia e já sem confiar na UE para os salvar, aprofundam o seu envolvimento com os EUA. Os países nórdicos, que construíram os seus próprios centros de dados e, por isso, têm poder negocial, formam a sua própria coligação sem Bruxelas. Muitas pessoas no Reino Unido concluem que no fim de contas, o Brexit até pode ter sido bom por um motivo: agora podem negociar acordos bilaterais de IA com Washington mais facilmente.

Do outro lado do Atlântico, o cenário é diferente. Perante a própria reação negativa contra a IA, o governo dos EUA implementou garantias de emprego e transferências diretas de dinheiro a uma escala que a Europa não consegue imaginar. Lá, os protestos não cessaram, mas o governo ganhou tempo. O contraste não passa despercebido ao público europeu, nem aos ministros das Finanças europeus, que compreendem que a resposta americana é financiada por um crescimento impulsionado pela IA, algo que as suas próprias economias não conseguem oferecer.

Em janeiro de 2031, o euro estará constantemente sob pressão. O capital abandona o sul da Europa e não regressa. O BCE intervém, intervém novamente e, por fim, fica sem instrumentos credíveis. No final de fevereiro, os depositantes nos bancos italianos e gregos transferem dinheiro para o norte mais rapidamente do que o BCE consegue compensar, e o euro, na sua forma atual, já não é algo que as autoridades europeias defendam em privado.

Christian: como te estás a aguentar?

Caroline: Estou bem.

Christian: vem para São Francisco

Christian: estou a falar sério. Contratávamos-te amanhã

Caroline: Não posso ir embora.

Christian: porque não?

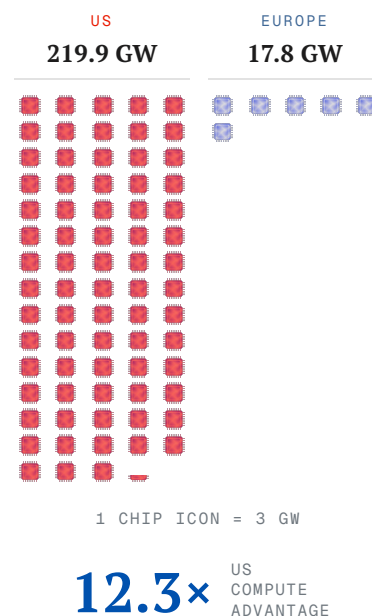
Caroline: Alguém tem de ficar.

Março 2031 — Entre gigantes

No início de 2031, o poder está concentrado em dois locais. Os laboratórios americanos detêm o sector cognitivo fronteira cognitiva; a China ainda detém a fronteira física. A Atlas, por si só, vale mais do que todas as empresas europeias cotadas em bolsa juntas. As três maiores empresas americanas de IA gastam mais em capacidade computacional do que a UE gasta em defesa. O principal fabricante chinês de robôs humanoides envia mais unidades num mês do que a Europa envia num ano.

A crescente tensão das relações transpacíficas colocou Taiwan em destaque. As fábricas da TSMC, onde são produzidos os chips de última geração do mundo, estão localizadas principalmente na ilha. A diferença entre a IA cognitiva dos EUA e da China aumentou no último ano, e a importância estratégica de Taiwan cresceu na mesma proporção. Como resultado, pequenos confrontos entre marinhas, que ocorriam talvez uma vez por trimestre há dois anos, ocorrem agora semanalmente. Ambos os lados testaram plataformas de armas geridas por IA em público e versões mais potentes em privado. Em Washington, os laboratórios e o Departamento de Defesa estão tão interligados que a distinção deixou de ser relevante; em Pequim, a integração é mais formal. Os especialistas e analistas usam regularmente a palavra guerra, sem acrescentarem adjetivos como “comercial” ou “fria”. Três ou quatro homens em cada capital detêm o poder de decisão que poderia conduzir a um conflito generalizado.

A Europa encontra-se num estado desastroso, mesmo que ninguém em posição oficial esteja disposto a dizê-lo abertamente. A polarização é galopante e o modelo social está a desintegrar-se. O crescimento económico estagnou nos países mais afetados pelo choque da IA. Outros países, desvincularam-se praticamente do bem-estar. O incumprimento de hipotecas aumentou consideravelmente nos estados-membros que tendem a utilizar empréstimos com taxas variáveis. A dívida soberana europeia é negociada a níveis normalmente reservados para países que sofreram hiperinflação extrema. Enquanto os economistas anteriormente discutiam a diferença de riqueza entre a Europa e os EUA; será que é consequência apenas da quantidade de horas de trabalho? O nível de vida europeu é melhor? Agora que pararam, as pessoas que vão à Califórnia conseguem ver a diferença poucos minutos depois de aterrizar.



Mas a Europa ainda tem um trunfo na manga. Após cinco anos sem conseguir construir um sector de IA de última geração, a Europa ainda detém o único estrangulamento por onde passa toda a corrida à IA. A ASML continua a ser a única empresa no mundo capaz de construir o equipamento de litografia ultravioleta extrema utilizado para imprimir chips de última geração. Sem acesso às máquinas da ASML, os EUA não conseguiriam manter a sua liderança em IA; com acesso às máquinas da ASML, a China já teria provavelmente atingido o mesmo nível há algum tempo.

Pequim fez progressos reais no desenvolvimento de máquinas DUVi (Imersão Ultravioleta Profunda) nacionais e prevê-se que inicie a produção em massa dentro de um ano. Mas isso é muito pouco e muito tarde: um ano parece agora uma eternidade, e a tecnologia DUVi não produz os chips de última geração que são necessários à China. Os EUA avançam diariamente. O governo chinês está profundamente preocupado com a iminência do desenvolvimento da IA superinteligente, e ninguém tem a certeza do que esta poderia fazer. Alguns consultores temem que os EUA possam utilizar uma IA suficientemente avançada para neutralizar um segundo ataque nuclear chinês e com capacidade de retaliar. Outros receiam que tais sistemas possam tornar-se suficientemente persuasivos para desestabilizar o próprio partido comunista chinês. A liderança da China na robótica é real, mas não dispensa estas preocupações.

Assim sendo, Pequim reforça a estratégia que tem vindo a implementar há dois anos. Os empréstimos para o sul da Europa aumentam e as condições destes são mais generosas. Intensificam-se as campanhas de informação. Os líderes europeus recebem sinais sobre como poderá vir a ser um relacionamento mais próximo: acesso privilegiado ao mercado, coprodução de robótica, um lugar à mesa onde têm sido excluídos por Washington. Pela primeira vez, a ASML e a sua tecnologia EUV são explicitamente mencionadas. Cinco anos a ser tratados como vassalos por Washington deixaram marcas, e em várias capitais a alternativa está a ser, pela primeira vez, seriamente discutida.

A China está a tentar conquistar a Europa, e está a conseguir mais do que Washington gostaria. O Pentágono considera a perda de controlo da ASML uma ameaça comparável à proliferação de armas nucleares. A Casa Branca decide que precisa do controlo direto da empresa neste preciso momento, enquanto essa opção ainda existe. O apelo dirige-se aos três países que o

podem impedir: Os Países Baixos, onde a ASML tem a sua sede, e a Alemanha e a França, sem cuja anuência nenhum governo neerlandês poderia concordar.

O vice-presidente dos EUA apresenta a proposta numa chamada telefónica de quarenta minutos através de uma linha segura. A própria ASML será incorporada numa Sociedade Gestora de Participações Sociais (SGPS) conjunta neerlandesa e americana, administrada por um conselho de administração partilhado, no qual Washington terá direito a um voto decisivo sobre a produção, os clientes e a transferência de tecnologia. Em contrapartida, os EUA oferecem uma injeção de capital a uma escala que a Europa não consegue igualar, possibilitando a construção de uma série de novas unidades de produção em território americano. Mais surpreendente ainda, promete também transferências diretas de dinheiro para cidadãos europeus, indexadas aos lucros extraordinários da IA nos EUA. Estes valores seriam baixos no início, talvez 100 euros por pessoa por ano, mas aumentariam ao longo do tempo.

Os três líderes europeus decidem não envolver os seus colegas primeiros-ministros e presidentes da UE; não consideram a oferta aceitável e receiam que os outros os pressionem a aceitá-la. Ao recusarem educadamente, a Casa Branca torna a oferta pública e acrescenta uma punição à recompensa. Caso a UE não assine o acordo, toda a região será despromovida para o terceiro nível ao abrigo do Regulamento dos Serviços de Inferência de Fronteira e perderá todo o acesso, presente e futuro, à IA americana. Os EUA sabem que têm todos os trunfos: através dos seus parceiros taiwaneses, acumularam máquinas EUV e conhecimentos técnicos de manutenção suficientes para poderem abdicar do acesso à ASML durante mais tempo do que a Europa pode abdicar do acesso à IA de última geração.

Várias capitais europeias estão a contactar os chineses, procurando uma contraproposta que lhes dê margem para recusar a oferta de Washington. O que conseguiram não foi o que esperavam. Pequim concluiu que a sua ofensiva de charme não é suficiente e que também necessita alterar a sua postura: as condições de exportação de terras raras serão revistas se os neerlandeses assinarem um acordo com Washington. As licenças de exportação de robôs serão reavaliadas. O prazo é inferior ao prazo americano.

A Europa tem agora três opções, e todas são más.

Ao assinar o acordo com Washington, o continente abdica da sua única vantagem e torna-se um protetorado americano em tudo menos no nome, enquanto o resto da sua capacidade produtiva entra em colapso se a China cumprir a sua ameaça e cortar as suas exportações.

Ao alinhar com Pequim, o hemisfério sul poderá parar de se afundar, e a União Europeia talvez sobreviva à sua crise fiscal imediata. Mas a Europa estará a entregar à China as chaves do futuro e enfrentará uma resposta de Washington que não poderá absorver, nem mesmo com a ajuda chinesa. O terceiro nível seria apenas a primeira medida.

Se não assinar qualquer acordo nem com os EUA nem com a China, a Europa nada obtém. Ao invés, seria afetada pelo impacto de desagrado de ambas as grandes potências ao mesmo tempo. Assim, arriscaria perder simultaneamente inferência de fronteira e investimentos críticos para a indústria, o que provavelmente levaria à desintegração da já fragilizada União Europeia.

O Conselho Europeu convoca uma reunião de emergência. Após catorze horas, houve apenas pouco progresso. A reunião autoriza uma delegação a viajar para Washington com um mandato que todos na sala sabem ser propositadamente ambíguo. Contrariando a prática normal do Conselho, os ministros enviados decidirão no local.

A reunião decorre no Edifício Executivo Eisenhower, numa manhã de terça-feira. A delegação europeia é liderada pelo primeiro-ministro neerlandês, pelo presidente francês, pelo chanceler alemão, pelo primeiro-ministro polaco, pelo primeiro-ministro espanhol e pelo presidente do Conselho Europeu italiano, cada um acompanhado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros e por um conselheiro de segurança nacional.

Os americanos trouxeram um grupo de aparência semelhante, além de dois oficiais na última fila que não foram apresentados e que usam auscultadores.

Estes auscultadores estão ligados a um modelo de IA de última geração que se infiltrou em todos os canais europeus que conseguiu encontrar. Sabe o que cada um dos principais líderes europeus disse na reunião de gabinete da passada terça-feira. Sabe qual deles tem um caso extraconjugal, qual deles está a fazer tratamento para o cancro da próstata, qual deles tem a

filha em problemas com a lei. Conhece os maiores receios de cada um deles e o que estariam dispostos a sacrificar para evitar essa divulgação. Os europeus não o sabem.

Caroline faz parte da equipa de apoio que a Comissão enviou para Washington. Está sentada na sala de delegações, duas portas mais à frente, a assistir a uma transmissão em circuito fechado num ecrã na parede.

Ao final da manhã, percebe-se que os ministros não estão alinhados. O chanceler alemão e o primeiro-ministro polaco fazem forte pressão pelo acordo americano. O primeiro-ministro espanhol quer alinhar com a China; o presidente francês quer recusar os dois acordos. O primeiro-ministro neerlandês parece doente e a presidente italiano do Conselho Europeu quase não falou durante três horas.

Ao meio-dia, anunciam um intervalo. Os ministros reúnem-se em salas adjacentes com as suas delegações. Caroline sai da sala da delegação para tomar um café e clarificar as ideias.

No corredor, quase esbarra com o presidente do Conselho Europeu, que saiu sozinho da sala de reuniões. Tirou o casaco e aliviou o nó da gravata. É mais baixo do que ela imaginava. Pára quando vê o seu crachá de segurança.

— Comissão?

— Direção-Geral do Comércio, senhor.

Ele observa-a por um instante. — Venha caminhar comigo.

Caminham lentamente. É conhecido por consultar pessoas de forma imprevisível antes de decisões importantes – funcionários subalternos, jornalistas, o seu motorista. Algumas pessoas acham isso encantador. Por coincidência ou não, sobreviveu também quarenta anos na política europeia.

— Na sala, diz, estão todos a apresentar os mesmos argumentos que têm apresentado há dois anos. Já ouvi de tudo. Ele olha para ela. Entre as três opções, qual delas a preocupa mais?”

Ela pensa antes de responder.

— Não escolher nenhuma opção parece manter as nossas alternativas em aberto, diz ela. Mas não é. Precisamos escolher uma opção, em vez de simplesmente deixar que as coisas aconteçam e fingir que somos vítimas das circunstâncias. E não podemos dar tanto poder aos chineses. Assim sendo, temos de escolher a opção americana.”

O presidente do conselho acena lentamente com a cabeça. Não diz se concorda ou não. Dá-lhe uma palmadinha suave no ombro, como poderia fazer um tio. — Obrigado. Vá buscar o seu café. Vira-se e caminha de volta no sentido da sala de reuniões.

Caroline vai à casa de banho. Deita água fria no rosto e vê-se ao espelho. As suas mãos estão a tremer. Agarra-se à extremidade do lavatório e aguarda que passe o tremor das mãos. Através da pequena janela alta, consegue ver um pedaço do céu de Washington, limpo e brilhante.

Ao longo do corredor, seis pessoas estão a decidir o destino do continente europeu. Não sabe se alguma coisa do que disse fará alguma diferença.

Suspeita que não.

Nessa noite, regressou sozinha ao hotel. Faz frio em Washington em março. Pensa no seu irmão. Pensa no jantar em Hayes Valley, há seis anos, e na calma certeza das pessoas à mesa de que o mundo estava prestes a mudar.

O seu telefone vibra.

Christian: estás bem?

Caroline: Que rico dia!

Christian: o meu voo atrasou-se

Christian: posso encontrar-te para tomarmos uma bebida daqui a uma hora

Caroline: Gosto, boa ideia.

Epílogo



O deslize da Europa rumo à irrelevância não era inevitável. Ainda em 2026, o continente poderia ter mudado de rumo, se tivesse demonstrado a coragem e a vontade política para tomar medidas drásticas.

*“Não entres tão depressa nessa noite escura.
Raiva, raiva contra a luz que já não dura.”*

— Dylan Thomas, *Botteghe Oscure*, 1951.

Junho 2034 — Herança de projetos

As cúpulas são visíveis da janela da cozinha. Existem quatro cúpulas, brancas e com nervuras, a mais próxima talvez a três quilómetros de distância, do outro lado da floresta. Caroline foi informada de que se tratam de protótipos à escala real para as bases lunares, testados sob pressão em condições que simulam as da Cratera Shackleton. Em noites límpidas, ela consegue por vezes ver uma segunda cúpula mais pequena, iluminada por dentro, onde a empresa está a testar o que quer que seja.

Vive numa pequena casa nos arredores de uma cidade no Novo México. O supermercado mais próximo fica a vinte minutos de carro autónomo. Acabou de fazer trinta e sete anos. Está aqui há um ano e meio.

Deixou a Comissão Europeia em novembro de 2031, oito meses após a negociação da ASML. Bruxelas tinha-se tornado um lugar sombrio. O verão anterior à sua demissão foi o da crise de Taiwan, quando ninguém dormiu durante quatro dias porque ninguém sabia se os grupos de combate de porta-aviões iriam parar. Tinha-se demitido, sem ter para onde ir.

Christian pedira-lhe, mais uma vez, que viesse para a América. Mais uma vez, recusou. Depois, passado um ano, aceitou. A sua mãe tinha falecido na primavera e pouco lhe restava na Bélgica ou em França, para além do irmão. Não se mudou para São Francisco. Ela aceitou o seu dinheiro a contragosto e mudou-se para cá; para a América, mas não para essa América.

Ela e Christian encontram-se agora mais frequentemente. Christian vendeu a sua empresa. É, sem dúvida, imensamente rico, e usou parte desse dinheiro para financiar aquele que insiste ser o projeto mais importante da sua vida.

Esta manhã, ela aguarda um telefonema referente a este projeto.

Chama-se Herança e o seu propósito declarado é produzir um registo, o mais completo possível, do percurso da humanidade até aqui. As IA já absorveram tudo o que é público, desde e-mails a registos parlamentares e podcasts. O que resta, diz Christian, são as coisas privadas.

Christian está a fazê-lo porque espera que, em breve, embora as informações sejam vagas, a humanidade comece a disseminar-se para além da Terra. À medida que as naves se afastam para o cosmos, a comunicação com a Terra tornar-se-á lenta e escassa, e eventualmente impossível. Os

valores humanos irão alterar-se ao longo do tempo. Quanto melhor estes humanos que viajam para o espaço compreenderem a sua própria história, diz Christian, melhor serão capazes de tomar decisões que os seus antepassados teriam aprovado.

Na primeira vez que ele lhe explicou isso, Caroline riu-se, mas ele estava a falar a sério.

Ela aceitou ser entrevistada. Ela devia-lhe dinheiro – literalmente; Christian deu-lhe muito dinheiro e, além disso, a sua terapeuta, uma verdadeira terapeuta humana, diz que seria saudável falar sobre os seus anos que passou em Bruxelas.

O seu computador portátil toca. O homem que surge no ecrã quando ela clica no botão tem pouco mais de quarenta anos. Tem cabelo escuro e está a usar uma camisola cinzento claro. Está sentado no que parece ser um escritório. Apresenta-se como Daniel.

Caroline observa-o por um instante. — Meu Deus, como eu detesto que não seja verdadeiro.

— Eu também, retorquiu sorrindo. — O aspeto está bom? Verificámos que as pessoas são mais sinceras se o entrevistador se apresentar de uma forma que considerem confortável.

— Está tudo bem, diz ela.

— Obrigado. Podemos começar quando estiver pronta.

Ela faz o café, volta e senta-se. Ela aguarda sem fazer nada que pareça estar à espera.

— Estou pronta.

O entrevistador acena positivamente com a cabeça. — Trabalhou sob a direção de três diretores na Comissão Europeia. Será que eles perceberam o que estava a acontecer?

— Nenhum se apercebeu a tempo. O meu segundo diretor compreendeu que a IA iria ser economicamente importante, mas pensou que seria importante da mesma forma que foi o iPhone. Não compreendeu que iria dominar o mundo. O meu terceiro diretor compreendeu que iria dominar o mundo, mas pensou que tínhamos dez anos para reagir. Na verdade, tínhamos apenas dois anos.”

— E você?

— Eu compreendi a situação cerca de um ano antes da maioria dos meus colegas. O que foi cerca de três anos demasiado tarde.

— Leve-me de volta para o verão de 2026. Antes de Estrasburgo. Como foi esse período?

— Estranho. Instável. O chanceler alemão acabara de regressar de São Francisco e parecia aberto a medidas sérias. Assim como o presidente francês e o meu patrão. Durante algumas semanas, tive a sensação de que a porta estava aberta. Passei muitas noites em branco.

— O que recomendou aos seus superiores?

Ela leva o pensamento até aquele tempo. — Necessitávamos do material no nosso território. Os centros de dados, os chips, as fontes de alimentação. Com base na legislação europeia, em jurisdições onde Washington não podia assumir o controlo com apenas seis horas de antecedência. Não o processo de cinco anos das Gigafábricas de que todos tanto se orgulhavam. Verdadeira capacidade computacional. Os números da alimentação deviam rondar as dezenas de gigawatts. Devíamos tê-los construído como um país em guerra.

O entrevistador ergue uma sobrancelha. — Mas a Europa tinha apenas cinco por cento da capacidade computacional global nessa altura.

— Poderíamos tê-la alterado. A capacidade computacional global estava quase a duplicar a cada ano. Poderíamos ter chegado aos quinze, talvez vinte por cento em cinco anos, se o tivéssemos desejado intensamente. O que teria sido suficiente para satisfazer a maioria dos clientes europeus. A ameaça de perder o acesso a tanta capacidade computacional teria impedido Washington de fazer o que acabou por fazer.

— Como o teria feito?

— As empresas europeias não teriam conseguido fazê-lo sozinhas. Necessitávamos também de fazer uma parceria com os americanos. O dinheiro não era o mais importante. Os subsídios teriam ajudado, mas os hiperescaladores tinham dinheiro. Só precisavam de velocidade. Estavam numa corrida louca para lançar cada novo modelo. Para eles, colocar um único centro de dados online com uma antecedência de um mês valia milhares de milhões.

— Aleguei que a Europa deveria criar Zonas Especiais de Capacidade Computacional, reduzir os prazos de licenciamento de dois anos para três meses e eliminar todos os obstáculos burocráticos. Criar equipas de apoio administrativo para fazer a ligação entre empresas de IA, fornecedores de energia e municípios. Converter centrais elétricas desativadas, onde as ligações à rede já se encontram prontas a funcionar. Construir de raiz novas centrais de produção de energia elétrica com as capacidades necessárias. Uma versão simplificada desta ideia acabou por ser incluída no Pacote de Soberania Tecnológica da UE, mas não a implementámos.

— Porque não?

— Porque estender o tapete vermelho aos hiperescaladores americanos parecia ser o oposto de soberania. O pessoal do Eurostack queria construir o seu próprio centro de dados ideal, mas estavam dez anos atrasados. Eu disse-lhes que, sendo realistas, não podemos construir todos os centros de

dados sozinhos, pelo que o que precisamos de fazer é garantir que os que são construídos ficam no nosso território. Mas nenhum político queria dizer essa frase. Foi demasiado humilhante.

O entrevistador acena positivamente com a cabeça.

—Também escreveu sobre uma coligação de médias potências.

— Sim. Cometemos um erro crasso com a ASML, mas poderia ter sido evitado. O problema foi termos tentado coordenar ações entre vinte e sete Estados-Membros. Um grupo mais pequeno de potências médias – Países Baixos, Alemanha, França, Noruega, Reino Unido, Canadá, Japão, Coreia do Sul, talvez com a ajuda da Comissão Europeia – poderia tê-lo conseguido em conjunto. A maioria destes países detinha importantes posições de influência. Estrangulamentos na cadeia de abastecimento, talentos em IA, energia.

— Toda a cadeia de abastecimento de IA passava por um pequeno número de locais, e a maioria desses locais não se situavam nos Estados Unidos. Nunca nos reunimos com os japoneses ou os coreanos para dizer que estamos na mesma posição, nós e vós, entre dois impérios que só se preocupam connosco instrumentalmente, e que juntos temos mais poder negocial do que separados.

— Não teria sido fácil. Cada um destes países tinha a sua própria relação complexa com Washington. Mas havia um meio-termo que também era do seu interesse. Nunca tentámos encontrá-lo.

Ela faz uma pausa. Ela pode ouvir no quarto ao lado o zumbido do sistema doméstico que prepara a lavagem da roupa. No exterior, uma unidade de entrega quadrúpede está parada no caminho de gravilha.

— E mais?

— Havia uma verdadeira oportunidade na robótica e na IA industrial. A Iniciativa Fronteira obteve um sucesso surpreendente nos modelos mundiais que, no final, fizeram os robôs funcionar. Mas não estabelecemos as parcerias com a indústria, não desbloqueámos os dados, não analisámos os investimentos estrangeiros. Assim, quando a Atlas se apercebeu disso, simplesmente comprou os investigadores e as empresas.

O entrevistador acena novamente com a cabeça. — E quanto ao mercado de trabalho?

— Eu tinha um amigo no governo francês que trabalhava nas reformas do mercado de trabalho. Falava sempre de como a Dinamarca já vinha a implementar a solução há trinta anos: todo o pacote da flexissegurança. Combina um seguro salarial robusto, requalificação profissional e apoio real aos trabalhadores deslocados com liberdade para as empresas dispensarem os colaboradores cujas funções foram alteradas, dando às empresas a agilidade necessária para impulsionar a adoção profunda da IA e manter a competitividade global.

— Conhecíamos o modelo. Tínhamos acesso às informações da Dinamarca. Mas cada Estado-Membro tinha o seu próprio código do trabalho, os seus próprios sindicatos e a sua própria coligação política, e ninguém queria gastar o capital necessário. Assim, a diferença de produtividade aumentou e esvaneceu-se a proteção que supostamente estávamos a preservar.

Por um instante, ela olha pela janela.

— Penso muito em junho do ano passado, diz, mais para si do que para o entrevistador. — Os tumultos na Espanha. Ao vê-los nas notícias, fiquei com um sentimento de que eram algo que não tinha conseguido impedir.

O entrevistador aguarda. Fá-lo de com muita perícia.

— Eu sei que não me devia culpar, mas culpo-me.

— Porquê?

— Tudo o que acabei de descrever era de natureza económica. Capacidade computacional, cadeias de abastecimento, códigos do trabalho. O que nunca consegui desvendar e que penso que era muito mais importante do que eu pensava na altura, era a história. Uma imagem que ilustra o motivo pelo qual podem querer que isso aconteça.

— Tínhamos uma visão negativa. Éramos bons a ter visões negativas. Íamos ser completamente obliterados. Cada memorando que escrevia começava com uma descrição do que estávamos a perder. Mas não conseguíamos dar uma visão positiva. Não se pode pedir às pessoas que suportem anos de perturbações com a premissa de que se não o fizerem a situação agravar-se-á.

— Devíamos ter-lhes dito como seria a boa versão da novidade. Mas não sabíamos como seria a boa versão. Nem sequer tínhamos o vocabulário para o fazer. Sabe, eu tentei. Escrevi um mau memorando. Mas devia ter continuado a escrevê-los.

O entrevistador faz uma anotação num bloco de notas que não existe. — Considera que esta falta de uma visão positiva foi o motivo pelo qual as medidas nunca foram aprovadas? Disse que a situação política era instável no verão de 2026.

— Era instável e não era. Nem mesmo os líderes que compreendiam o que estava para vir estavam totalmente convencidos. Cada uma destas medidas parecia um compromisso desagradável; como lidar com pessoas de quem não gostávamos e eliminar regras que tínhamos demorado décadas a elaborar. Teria implicado gastar cada cêntimo do capital político e grande parte do capital real em coisas que os eleitores não compreendiam e não queriam, para ganhos que só ocorreriam anos mais tarde. Nenhum dos benefícios da soberania parecia real naquela época. Não tenho a certeza se algum político conseguiria aprovar as alterações drásticas que exigíamos sem prejudicar a sua carreira. Nem sequer tenho a certeza se o deveriam ter feito.

O entrevistador levanta a cabeça. — Fale mais sobre esse tema.

— Não sei mais. Sinceramente, não sei. Existe uma versão desta história em que os líderes que previram o que estava para vir gastaram tudo o que tinham nesse objetivo, perderam os seus governos, foram substituídos pelos populistas que já estavam a ganhar terreno, e os populistas desfizeram as políticas, resultando num desfecho ainda pior.

— E, mesmo assim, escreveu esses memorandos.

— O que vi foi que o modelo europeu estava prestes a entrar em colapso. A pergunta era se suspenderia as regras para um sector durante um período, a fim de preservar o modelo social noutros locais, ou se manteria as regras em todo o lado e assistiria ao desmoronamento de tudo. Cheguei à conclusão com base na primeira opção. Alguns dos meus colegas acusaram-me de trair as bases sociais-democratas da Europa. Chamaram-se libertária. Mas tudo o que escrevi foi uma tentativa de proteger o projeto europeu. As divisões políticas tradicionais deixaram de ser importantes.

— Alguma vez pensou: será que devemos acionar os travões?

— Claro. Muitas pessoas fizeram-no. Se pudesse, eu teria premido o botão. Diminuir o ritmo e permitir a adaptação da sociedade, deixar que a investigação em segurança da IA alcance as novas capacidades de última geração. Mas não tínhamos um botão para premir. A tecnologia era desenvolvida fora da Europa. Os Estados Unidos e a China estavam nesta corrida frenética. Se tivéssemos conseguido exercer influência real, talvez os pudéssemos ter forçado a abrandar o ritmo, ou pelo menos fazer com que ambos pegassem na porcaria do telefone e falassem entre eles. Mas não tínhamos qualquer poder negocial, pelo que o único caminho que restava para a Europa era através da IA, e não contorná-la.’

Ela faz uma pausa.

— Sabe, tentei encontrar alguém para culpar por tudo isto. Mas cheguei à conclusão de que a história não tinha verdadeiros vilões. Acontece que o sistema que gerou as nossas decisões estava a responder corretamente aos incentivos que lhe foram dados, e esses incentivos eram completamente inadequados para o que estávamos a enfrentar. O fracasso não foi uma falha de pessoas, mas sim uma falha de fatores como o fluxo de informação, as restrições políticas e a velocidade com que as instituições se conseguem adaptar. Ninguém quer ouvi-lo, porque se for verdade, não há ninguém para culpar, e as pessoas necessitam culpar alguém.

Ela olha para o entrevistador.

— O que pensa?

Ele faz uma pausa.

— Posso ser muito direto consigo?

Ela franze o sobrolho.

— Penso que está a dizer asneiras. Ele sorri.

Ela olha fixamente para ele.

— Desculpe?

— Não me refiro à análise. A análise está correta. Mas não acredito que a análise reflita o que realmente sente.

— O quê?

— Está a contar-me uma história em que ninguém tem culpa, em que os incentivos estavam mal calibrados, em que a falha foi estrutural, em que nem sequer é claro se os líderes deveriam tê-lo tentado. É uma história ponderada. É uma história intelectualmente defensável. Não creio que seja a história em que acredita.

— Você não sabe o que acredito.

— Não. Mas tenho um palpite. Acho que está irritada. Não tenho a certeza com quem.

Ela fica calada.

— Posso estar enganado, diz o entrevistador. — Não sou a ferramenta correta para muitas coisas. Mas perguntou-me o que penso.

Ela fica em silêncio durante um longo momento. A cúpula vista pela janela tem uma cor diferente da que tinha quando a chamada começou.

— Está bem. Quer saber com quem estou irritada? Estou irritada com o Christian. Estou irritada com o Christian neste momento, porque ele enviou-me uma gaita de uma IA para me entrevistar sobre os piores anos da minha vida, e pelos vistos a IA também vai fazer terapia. Estou irritada por ter aceite o seu dinheiro. Estou irritada porque ele continua a aparecer na minha vida com esta cara séria, esta cara de “tenho um projeto que vai salvar a humanidade”, e o projeto é sempre real, o dinheiro é sempre real e eu nunca consigo dizer que não. Era isto que queria?

— Uma parte disso.

— O que é que isso significa?

— Acho que está a redirecionar o tema.

— Não me psicanalise.

Ele encolhe os ombros. Há uma pausa. Ela não se apercebeu de que está a agarrar a extremidade da mesa. Ela abre a boca e volta a fechá-la.

— Está bem. Estou irritada. Estou muito irritada. Estou irritada com os EUA e a China por quase nos terem arrastado para a Terceira Guerra Mundial. Estou irritada por deixarmos que um punhado de homens sedentos de poder decidir o nosso futuro. Estou irritada com os laboratórios de IA por construírem estas “ferramentas” sem saberem controlá-las. Estou irritada com os líderes europeus por se manterem sempre dentro dos limites estabelecidos, pelas suas mesas-redondas e por aguardarem que o ambiente político seja propício.

— O ambiente político nunca está preparado. Também não estava preparado durante a COVID-19. Não estava preparado quando a Rússia invadiu a Ucrânia. De qualquer forma, as pessoas fizeram o que tinham de fazer. Quando chegou a COVID-19, entrámos em confinamento e implementámos um programa de vacinação em tempo recorde. Após a invasão russa, construímos terminais de GNL de raiz e obtivemos apoio financeiro de todos os Estados-Membros para defender a fronteira leste. Quebrámos todas as regras porque percebemos que o nosso futuro estava dependente de as quebrarmos.

— Sabe de que é que eu culpo os nossos líderes? Não por estupidez, não por maldade, mas pela sua falta de coragem. A sua relutância em enfrentar algo difícil de compreender, mas que obviamente estava a acontecer, e dizer: “Vou fazer algo a esse respeito, mesmo que isso provavelmente acabe com a minha carreira, e vou fazê-lo de qualquer forma.” Ninguém o fez. Ninguém. Todos os líderes viram os incentivos locais e concordaram com eles, e criaram para si próprios histórias sobre o porquê de os incentivos serem a única coisa que conseguiam ver; histórias sofisticadas, bem argumentadas e completamente irrelevantes para o assunto.

— É como se fosse, como se fosse, não sei. Algum profeta aparece à sua porta e diz que precisa de se qualificar para os 200 metros livres nos Jogos Olímpicos daqui a três anos ou o mundo acaba. E você quase não faz exercício físico. Vai ao ginásio talvez uma vez por semana. Não existe uma versão realista disto em que se enquadre. Mas o profeta tem razão. Se não o fizer o mundo vai mesmo acabar. Então, o que deve fazer? Deve treinar. Deve treinar como um verdadeiro atleta. Deve dormir oito horas por noite, comer alimentos saudáveis e deixar de ver os seus amigos, porque a alternativa é o fim do mundo. Mas não treina. Não treina natação porque a água está fria. Porque é realmente uma pessoa que gosta mais de ténis. Porque decide que o treinador tem um objetivo de lucro. Você não faz nada. Deixa apenas acontecer.

— Foi o que fizemos. Deixámos apenas acontecer. Dissemos a nós próprios que não seria possível, fomos para casa e deixámos acontecer. E eu estou muito irritada com todos nós por deixarmos acontecer. Porque poderíamos tê-lo feito. Poderíamos tê-lo feito. Não, com toda a certeza. Mas houve uma oportunidade e nem sequer tentámos.

Ela interrompe o discurso. Apercebe-se de que está a chorar. Há anos que não chora à frente de ninguém, nem mesmo com a sua terapeuta.

Ela percebe que o entrevistador tem a decência de desviar o olhar.

— Eu sei que ainda me pode ver”, diz ela.

— Sim.

— Está bem.

Ela enxuga os olhos. Lá fora, o quadrúpede está a recuar pela gravilha. Por um breve instante, o sol poente incide sobre os seus cromados.

É, segundo ela, um momento quase belo.